

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

LUIZ GUILHERME LEITE AMARAL

**A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CATÓLICA:
DO SERMÃO À MISSA DE TELEVISÃO**

**SOROCABA/SP
2017**

LUIZ GUILHERME LEITE AMARAL

**A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CATÓLICA:
DO SERMÃO À MISSA DE TELEVISÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba, como exigência
para a obtenção de título de
Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Professor Doutor Paulo Celso da Silva

SOROCABA/SP
2017

Ficha Catalográfica

Amaral, Luiz Guilherme Leite
A515e A ecologia da comunicação católica : do sermão à missa de
televisão / Luiz Guilherme Leite Amaral. -- 2017.
64 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) -
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Comunicação. 2. Televisão na religião. 3. Comunicação de
massa – Aspectos religiosos – Igreja católica. 4. Comunicação de
massa na religião. I. Silva, Paulo Celso da, orient. II. Universidade de
Sorocaba. III. Título.

LUIZ GUILHERME LEITE AMARAL

**A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CATÓLICA:
DO SERMÃO À MISSA DE TELEVISÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba, como exigência
para a obtenção de título de
Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista

Profª. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Sorocaba, por abarcar esta pesquisa em seu repositório. À PROSUP/CAPES, pelo financiamento. Ao Professor Doutor Paulo Celso da Silva, por trabalhar comigo nisto sabendo que seria possível. Aos Professores Doutores Míriam Cristina Carlos Silva e Jorge Miklos, pela inestimável colaboração para a confecção deste trabalho. Aos meus pais, José Francisco e Regina Célia, por não deixarem de acreditar. Às minhas irmãs, Ana Carolina e Maria Eduarda, pelo incentivo. Aos meus bons amigos, por remarem comigo por todo o tempo.

O tudo que se tem não representa nada
Tá na cara que o jovem tem seu automóvel
O tudo que se tem não representa tudo
O puro conteúdo é consideração

(Luiz Melodia)

RESUMO

Este trabalho tem como tema os processos comunicacionais que envolvem o ritual da missa católica, especialmente para a missa televisiva. A questão que norteia o trabalho busca investigar quais são as diferenças e similitudes entre a missa presencial e televisiva. Sendo assim, a hipótese é a de ser a missa uma mídia, no sentido de um elemento da e para a cultura e um catalizador do processo comunicacional em sua complexidade. O objetivo geral é pensar os processos comunicacionais da missa televisiva sob o escopo as Teorias das Mídias e da Ecologia da Comunicação. Como corpus, elegemos as atas do Concílio Vaticano II da Igreja Católica no tocante aos rituais da missa presencial e televisiva. A metodologia consiste em pesquisas bibliográficas e observatórias a fim de se verificar a aplicação das normas de tais atas nas missas presencial e televisiva e a comparação entre ambas. Conclui-se que a missa televisiva não é apenas técnica/tecnologia, mas um conjunto organizado de situações e rituais preparados para atingir um fim específico, a saber, oferecer ao fiel católico possibilidades de assistir a missa sem o deslocamento espacial com a mesma validação do presencial. A pesquisa indica possíveis alterações e atualizações decorrentes do uso das mídias na vivência do fiel católico.

Palavras-chave: Religião. Mídia. Missa. Televisão. Comunicação.

ABSTRACT

This paper presents the communicational processes involving the rituals of the Catholic mass, especially those broadcasted on television. The question that drives this research seeks to investigate what are the differences and similarities between the mass by attendance and the televised mass. So, the hypothesis is whether the mass is a medium, as being an element from and for the cultural scenario, as well as a catalyst of the communicational process in its complexity. The main goal is to think these communicational processes of the televised mass under the scope of the Media Theories and also the Ecology of Communication. The corpus elected is the Vatican II Council records as they bear written the rituals of the Catholic mass. The methodology consists in bibliographical and observatory researches in order to verify if the rules in such records have been applied and how they are compared between the mass by attendance and the televised mass. We have come to the conclusion that the televised mass is not merely technique/technology, but an organized set of rituals and moments prepared to an specific end, that is, offer to the Catholic believer possibilities to attend a mass without having to commute and yet assuring its validity. This research indicates possible alterations and updates on the use of media in the life of the Catholic believer.

Keywords: Religion, Media. Mess. Television. Communication.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	15
DO DIÁLOGO À HOMILÉTICA.....	15
CAPÍTULO II	26
DA HOMILÉTICA AO PAPEL	27
CAPÍTULO III.....	38
DO PAPEL À TELE-HOMILÉTICA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Esta investigação acompanha alguns passos da Igreja Católica para adaptar-se ao *status quo* e manter viva sua tradição, a fé dos católicos e sua missão de evangelização. Estamos lidando com esta instituição religiosa que atravessou séculos marcados por dominações, cisões, reformas e diversos eventos que tinham o propósito de manter sua estabilidade. Um destes passos, que é o principal escopo deste trabalho, é a utilização da televisão como instrumento de massificação da mensagem cristã. Por este motivo, decidimos dar foco a um dos elementos da comunicação cristã: a missa na televisão.

Tais transformações são marcadas por decisões, e todas são documentadas nas atas dos chamados Concílios. Estes tratam tanto de questões teológicas quanto de mudanças da sociedade e como a Igreja se comportará diante delas. Ao lado deles, as Encíclicas exibem determinações pontuais que expressam a vontade e a visão de mundo do próprio Papa. É bem verdade que as mudanças de posicionamento da Igreja Católica não têm somente a ver com o aspecto teológico; existe, também, uma agenda focada na manutenção da sua influência perante a sociedade. Se a religião é uma experiência de valores morais, adaptar-se significa manter seu caráter regulatório. É compreensível que a Igreja Católica deseje manter-se como um amálgama social, por isso trazemos o foco na utilização das mídias. Não vamos questionar os dogmas, mas somente a maneira como a Igreja dissemina sua mensagem.

Ao mesmo tempo, a ecologia da comunicação proposta por Vicente Romano – teoria, aliás, que será utilizada apropriadamente nos capítulos vindouros – nos guia à compreensão da missa na televisão não mais como um mero evento televisivo, mas também como um processo cultural que envolve diferentes elementos. A construção cultural da missa na televisão, que carrega em si a construção da própria comunicação da Igreja Católica, hoje, sob uma ótica ecológica, consegue ser interpretada como um movimento que cria influências, resultados e transformações na vida dos crentes.

Entre 1962 e 1965, a cúpula mundial da Igreja Católica reuniu-se para o Concílio Vaticano II. O documento resultante do Concílio é formado por quatro Constituições, três Declarações e nove Decretos que regulamentam diversos elementos da Igreja, como o compromisso dos padres e sacerdotes (contido no capítulo *Dei Verbum*), a importância do Antigo Testamento (*Dei Verbum*), a reforma litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*), entre muitos outros itens. Especialmente para

esta pesquisa, enfocamos as decisões tomadas no que tange à Comunicação da Igreja com seus fiéis. No parágrafo 20 do *Sacrosanctum Concilium* expressa-se: “Façam-se com discrição e dignidade, e sob a direção de pessoa competente, para tal designada pelos Bispos, as transmissões radiofônicas ou televisivas das ações sagradas, especialmente da Missa”. Significa, portanto, que é preciso que haja mais profissionalismo e coerência no uso da televisão como suporte para a evangelização.

A hipótese deste trabalho reside na premissa de que a missa televisiva da Igreja Católica transformou-se em uma mídia enquanto elemento da cultura e para a cultura, pois é algo que está em constante transformação para atender as necessidades tanto sociais quanto teológicas. A Igreja, portanto, apropria-se da tecnologia e dos meios de comunicação para atualizar-se ao momento midiático contemporâneo. As consequências disso estão desde a influência no próprio corpo, passando pela padronização da utilização dos meios, a midiaticização, até questões sobre a validade da missa na televisão são teologicamente tão válidas quanto a missa presencial dentro de uma igreja. Em entrevistas não estruturadas, começamos a constatar como estas instâncias se conectam. Ao conversar com padres das cidades de Sorocaba e Araçoiaba da Serra, pudemos ouvir diferentes opiniões sobre como a Igreja Católica dispõe de seus recursos para utilizar técnicas de televisão na transmissão de missas e, ao mesmo tempo, confrontá-las com as técnicas das igrejas evangélicas na transmissão de seus cultos.

Falamos da estabilidade, mas, em termos de unidade da crença, o que percebemos é uma proliferação de diferentes interpretações dos textos bíblicos e motivações políticas, o que fez com que o cristianismo tivesse por volta de uma dúzia de “versões”: cristianismo romano, cristianismo oriental, protestantismo, anabatistas, anglicanos; e isso sem contar todas as subdivisões do cristianismo primitivo, como gnósticos, apolinarianos, arianos, entre várias outras. Queremos entender quais são os processos de adaptação da Igreja Católica por meio dos Concílios e Encíclicas até chegar ao ponto no qual uma missa possa ser transmitida pela televisão.

A segunda etapa da pesquisa dá conta das minúcias desta adaptação, ou transformação, da missa presencial em missa televisionada. Este estudo tem como base primariamente a teoria de mídia de Harry Pross que diz respeito às mídias primária, secundária e terciária, e como é feita a transmissão do conteúdo e da estética em cada uma destas situações. A ecologia da comunicação de Romano torna-se, portanto, uma extrapolação do que apregoa Pross, como analisaremos adiante. O

cristianismo, em especial o catolicismo, opera com o suporte das três mídias presentes nas teorias de mídia – primária, secundária e terciária. Com a compreensão de como a Igreja Católica utiliza estas mídias para disseminar sua ideologia, podemos saber em qual momento ela sentiu a necessidade de utilizar a televisão como meio para complementar a fala e a escrita. Não estamos tratando, no entanto, de uma substituição de formas de comunicação; a missa pela televisão soma-se à já tradicional missa na igreja, com o padre passando o sermão e todos os outros rituais. A missa na televisão também não substitui o sermão, característico da mídia primária de Pross, ou a leitura da Bíblia, concernente à mídia secundária. Os aparatos são todos rearranjados e reutilizados dentro de uma nova perspectiva em que a fé, o espetáculo e a conveniência passam a andar juntos.

O fenômeno da religião na televisão é amplamente estudado na área acadêmica, e existem abordagens que podem ser feitas a partir de diversos autores. No Brasil, no entanto, é uma área relativamente nova e ainda carece de força de trabalho mais ampla. Para este estudo, daremos ênfase ao aspecto teórico na adoção das mídias terciárias como instrumentos de evangelização da Igreja Católica, bem como a extrapolação delas pela Ecologia da Comunicação. Durante a construção do Estado da Questão, foram coletadas várias dissertações e teses que abrem caminho para que esta pesquisa elucide o problema e assim chegar ao objetivo. Também foram considerados livros de autores teóricos da Comunicação e outros que tratam da questão da religião sob diversos escopos. No entanto, estes textos foram utilizados como referências para criarmos pontos e contrapontos para o que buscamos investigar aqui.

Com não se trata de um estudo de recepção, mas de utilização das mídias, pudemos nos aproveitar de uma oportunidade em relação às pesquisa que já foram feitas neste mesmo tema. Todas as que encontramos dizem respeito sobre como a televisão impacta a fé ou sobre como os padres considerados como *pop stars* influenciam os fiéis. Esta, por outro lado, diz respeito ao fenômeno comunicacional da missa televisiva em sua potencialidade de ser uma mídia.

Esta pesquisa também debruça-se nas particularidades entre a missa presencial e a distância. O momento de tomar a hóstia, ser batizado e outros rituais são substituídos para a televisão a fim de que se alcance o objetivo da Eucaristia. Pode-se somar a isso uma outra intenção: transmitir uma missa pela televisão pode resolver o problema de quem não tem condições para ir a uma igreja, seja por limitações físicas ou outros tipos de barreira. Neste caso, mesmo que a missa a

distância não substitua a presencial, é percebida como uma alternativa que acalenta o fiel cristão.

Conhecer a importância das mídias terciárias nas celebrações religiosas pode nos fazer entender quais caminhos são seguidos em direção à forma de doutrinar e arrebanhar fiéis. De acordo com o site de notícias Gospel Mais, entre os anos 2000 e 2010 o número de evangélicos cresceu 61%. Em 2000, a contagem era de 26,2 milhões de brasileiros (15% da população); em 2010 aumentou para 42,3 milhões, ou, 22,2%. Em contrapartida, os católicos que em 2000 representavam 73,6% caíram para 64,4% em 2010, de acordo com a análise do site *franciscanos.org.br*¹.

Uma das maneiras de contornar esta situação é a criação de canais com programação católica. Hoje no Brasil existem onze emissoras fixadas em oito estados brasileiros: Canção Nova (SP), Rede Nazaré (PA), Rede Vida (SP), TV Aparecida (SP), TV Horizonte (MG), TV Imaculada Conceição (MS), TV Século XXI (SP), TV 3o Milênio (PR), TV Diocese (AC), TV Fraternidade (RS) e UGC TV (GO). Outros meios também são utilizados, como impressos, rádio e internet. A disputa midiática entre católicos e evangélicos é constante, e medir a audiência das programações enquanto elas acontecem torna-se uma tarefa hercúlea. A migração de pessoas entre religiões não é algo sazonal ou com padrão de comportamento definido; existem diversas motivações para que isto ocorra. Sendo assim, desejamos pesquisar como a Igreja Católica domina a técnica e transporta a missa presencial para a televisão. Em face do nosso escopo, torna-se válida a discussão de tais especificidades, pois a maneira com que as missas são celebradas nas diferentes mídias pode se tornar determinante para o comportamento dos fiéis no momento dos ritos.

Podemos dizer que o princípio comunicativo da mídia primária é a centelha de uma religião. A tradição oral, os sermões e a homilética fazem parte do processo de persuasão e comunhão entre líderes e fiéis. Na Bíblia, no livro de Marcos 16:15, quando é dito “ide e pregai o Evangelho a toda criatura”, temos o estopim da tradição oral como instrumento para arrebanhar fiéis dentro do cristianismo. O mesmo acontece em outras religiões, sejam elas ainda mais antigas ou dissidências de religiões mais novas. O islamismo, que tem em sua raiz religiões como o judaísmo e o cristianismo (matriz abraâmica) também utiliza a tradição oral como instrumento de persuasão e, sobretudo, como instrumento de preservação das tradições culturais. É

¹ Fonte: <http://www.franciscanos.org.br/?p=20043>

inegável que uma religião é o registro das tradições de um povo, e tais tradições devem ser mantidas para que possa haver cultura, um sinônimo para identidade nesta abordagem. A voz – sermão, homilética – é mídia primária.

As religiões também passam pela mídia secundária, neste caso, a escrita. É um passo relevante pois a escrita tornou-se uma espécie de chancela. Quando algo é dito, o curto alcance pode comprometer a mensagem ou ela pode ser modificada. Decisões morais e éticas estabelecidas por uma religião devem ser documentadas para que possam ter valor com a passagem do tempo. O interessante é que tradições orais exercem uma grande influência dentro de religiões – afinal, é como tudo começou.

Quando copistas distribuem a Torá e a Bíblia, ou quando Maomé escreve trechos do Corão ditados pelo anjo Gabriel nos ossos de camelos, significa que estas religiões precisam registrar suas convicções e tradições em uma mídia mais perene. Registrar em cavernas, esculpir tábuas de barro ou madeira, todos estes elementos da mídia secundária auxiliam na difusão de ideias religiosas.

A comunicação terciária dentro das religiões é representada neste estudo pela televisão. Assim como a “Santa Missa em Seu Lar” e uma infinidade de programas voltados ao proselitismo religioso, todos encontram na televisão um instrumento veloz de propagação da mensagem. Com a evolução dos meios de comunicação, aumenta a participação das igrejas: orações via WhatsApp (serviço de mensagens instantâneas), blogs, missas e cultos via YouTube, entre muitos outros. O rádio, assim como a televisão, é um dos precursores da *tele-homilética*, dada sua altíssima penetração. Mas é claro que a missa na televisão cumpre a ordem. Uma das especulações para esta migração pode estar ligada à restrição de público dentro de uma igreja, que acomoda poucas centenas, enquanto que, pela televisão, há a possibilidade de multiplicar a audiência em milhares de vezes, já que uma missa televisionada tem muito mais abrangência.

Pode-se suscitar algum questionamento a respeito da cronologia. Estamos em 2017, portanto, como é possível comparar o formato da missa de hoje com a missa desde 1965, ano em que foram estabelecidas as suas bases comunicacionais a partir do Concílio Vaticano II? Mesmo que a missa pela televisão seja semelhante à presencial, ainda há elementos que são substituídos em função do meio televisivo.

CAPÍTULO I

DO DIÁLOGO À HOMILÉTICA

*You say yes, I say no
You say stop but I say go, go, go
Oh no
You say goodbye and I say hello
Hello, hello
I don't know why you say goodbye
I say hello*

The Beatles

Imagine um corpo que se expressa gestualmente. Ele faz uma sequência coreografada que se parece com uma dança, algo que tem a intenção de reverenciar um deus. Agora, imagine este mesmo corpo reverenciando este mesmo deus, mas com palavras, com sons articulados saindo de sua boca. São formas diferentes de comunicação; maneiras diferentes de alcançar os mesmos objetivos por meio das ferramentas comunicacionais que possuímos. Pode ser que em um determinado ponto o corpo somente não tenha mais sido suficiente para transmitir uma mensagem. Uma dança não pode ser vista de tão longe, ou em um terreno irregular, ou com vegetação alta. A voz tem um alcance curto, mas faz possível que a mensagem seja captada sem contato visual, ou com pouca energia de movimento.

A fala tornou-se uma conquista da comunicação interpessoal. Mas não era ainda a *fala*, com seus sons padronizados, com uma coordenação que se sofisticou cada vez mais, e foi desenvolvida por cada vez mais “pessoas” (os envolvidos da cadeia evolutiva humana) a ponto de se tornar um *idioma*. Em um primeiro momento tínhamos apenas a capacidade de emitir alguns grunhidos que, regulando a intensidade, poderiam significar coisas como descontentamento, proteção ou dor. Mas já era algo que promovia um resultado diferente: abriu-se um abismo entre erguer o punho cerrado ou emitir um som. Podem ter o mesmo significado, mas o impacto em termos de possibilidades é determinante.

Temos a possibilidade de avançar e recuar no tempo para tratar deste assunto, portanto, pularemos alguns milhares de anos para entendermos melhor o resultado de difundir capacidades de fala. O estabelecimento de um idioma em comum dentro de

um grupo tornou possível o diálogo, pois gerou o senso de identidade e oferece a capacidade de intercambiar pensamentos e experiências. Na medida em que as sociedades foram ficando mais complexas, os idiomas também evoluíam, cobrindo cada vez mais a gama de coisas que poderiam ser expressas. Pross (apud BAITELLO, 2001, p. 2) descreve este fenômeno como uma *mídia primária*: “Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica (...), o mensageiro deve saber correr, cavalgar ou dirigir e garantir assim a transmissão de sua mensagem”. Sua característica principal é ter como suporte o próprio corpo, e por isso podemos entender *primária* como a forma mais imediata de comunicação. Quando pensamos no lado oposto, ou seja, de quem *ouve*, compreendemos que o recebimento também se dá por um corpo: as ondas sonoras que atravessam o ar e vibram os ossos e membranas dentro dos dois ouvidos fazendo com que o som seja identificado.

Se analisarmos o corpo como mídia primária chegamos à mesma conclusão: a luz refletida no objeto é captada pelos olhos e enviadas para o cérebro e, ao mesmo tempo, os gestos ativam memórias que, quando confrontadas com o *agora* do movimento, criam o sentido neste processo de comunicação. O sistema ocular, por completo, é um aparato que reside no corpo, portanto faz parte dele. Assim, o *imediatismo* da recepção reside em dispensar outro tipo de aparato anexado. Do mesmo modo com a fala, o sistema completo que produz a voz está engendrado no corpo, assim como o sistema auditivo completo que recebe o som. Não há no meio de todo este processo qualquer aparato que funcione como um codificador ou decodificador, fazendo com que este imediatismo seja evidente. Aliás, o que podemos interpretar como o *codificador* e *decodificador* é o próprio cérebro, igualmente integrante do corpo como um todo.

O diálogo é uma forma de trocar conhecimento, pois por ele é possível que uma pessoa expresse suas ideias, qualquer uma que seja, e outra pessoa depreenda-a. A ação predicada à compreensão do diálogo é variável. Um homem aprende a unir três pedaços de madeira com um pedaço de corda, transformando estes itens em uma arapuca para capturar algum animal. Então este homem mostra a outro homem de sua comunidade o que descobriu explicando com palavras e também mostrando como se faz. Enquanto a comunicação gestual mostra a confecção da arapuca em termos práticos, ou seja, o processo fabril do dispositivo, o diálogo se encarrega de levar conceitos abstratos. É possível explicar para que servirá a arapuca, quantos animais

seria possível capturar com ela, como a vida da comunidade melhoraria com uma arapuca tão eficiente. É compreensível que a comunicação gestual e a fala trabalhem concomitantemente, porém conseguimos compreender a distância entre elas.

A oralidade pode ser reconhecida como a consolidação das capacidades vocais a ponto de serem estabelecidas como idiomas. Zumthor (1993) trata dos índices de oralidade como “tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação*” (p. 35). Ela existe para dar mais vivacidade ao que se pretende comunicar. Zumthor (p. 18) nos mostra os caminhos da oralidade apontando como tipo precursor aquela que não tem base em qualquer tipo de sistema gráfico – letras e símbolos. Considerada como a forma mais rudimentar de comunicação inteligível, esta oralidade primária ganha o caráter pragmático em que a troca de conhecimento passe a ser possível, até que seja cada vez mais elaborada.

À medida que as sociedades se tornam mais complexas, o conhecimento se torna igualmente complexo. Dentre os vários elementos que compõem a gama de saberes dentro de grupos, podemos avançar novamente através dos anos – agora distantes de grunhidos e gestuais eufóricos –, até encontrar as crenças, com seus mitos e religiões. Zumthor (1993) explica o processo em que a palavra se torna fundamental para a disseminação de conhecimento religioso:

Há a palavra ordinária, banal superficialmente demonstradora, e a palavra-força; uma palavra inconsistente, versátil, e uma palavra mais fixada, enriquecida por seu próprio fundo, arquivo sonoro de massas que, em sua imensa maioria, ignoram a escrita e são ainda mentalmente inaptas a participar de outros modos de comunicação que não o verbal, inaptas – por isso mesmo – a racionalizar suas modalidades de ação. A palavra-força tem seus portadores privilegiados: velhos, pregadores, chefes, santos e, de maneira pouco diferente, os poetas; ela tem seus lugares privilegiados: a corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a borda dos poços, a encruzilhada da igreja (p. 75).

A crença é um subproduto da racionalidade humana e, por isso, é tratada como conhecimento já que possui diversas capacidades sociais e psicológicas. A crença pode ser agregadora, pois pessoas que pensam da mesma forma tendem a se unir. Também pode ser inspiradora, pois engloba diversos tipos de conhecimentos dentro de si própria, o que torna a crença um continente de diversos outros conhecimentos. A

partir dela é possível absorver conceitos que vão desde a ética, enquanto um conjunto de “tratados sociais” circunscritos dentro dela, até assuntos como história e geografia.

Crenças são também constituídas por ensinamentos, parábolas e regras que criam vínculos e intenções. Uma crença não é em vão pois ela possui uma intenção. Vygotsky (2001), apoiado por Wilhelm Stern, indica três tendências da linguagem. Segundo sua análise, enquanto a primeira e a segunda tendências, respectivamente expressiva e social, residem no âmbito rudimentar, observada nos animais, a terceira tendência, *intencional*, é própria dos seres humanos. Assim, “em determinado estágio de seu desenvolvimento psíquico (...) o homem adquire a capacidade de significar algo proferindo palavras, de se referir a algo objetivo” (p. 30), o que nos leva a entender que a crença está abarcada nesta terceira tendência, pois ela carrega significados e objetivos.

O pensamento mágico é um movimento que atravessa um longo período, caminhando lado a lado com a consolidação da comunicação verbal. Ele se apresenta no período Paleolítico, algo em torno de 10 mil anos antes de Cristo, o que nos instiga, inclusive, a imaginá-lo como uma das ferramentas que colaboraram para o aprofundamento da linguagem. Pode-se pensar que, em cada minúsculo estágio alcançado na complexidade da sociedade, a linguagem tinha que também alcançar este patamar para dar conta de significar as descobertas que eram feitas. Quando se compreende o fogo, as roupas, o trabalho manual, a proteção, o órgão sexual, o transporte, a casa, a comunidade, etc., todos estes elementos puxaram a linguagem adiante para que tudo pudesse ter um sentido.

É interessante pensar sobre a capacidade humana quando falamos sobre a linguagem e os caminhos pelos quais ela passa pela complexidade da sociedade. Childe (1966) não aceita o argumento de que existe uma cronologia para definir a história humana, simplesmente por que:

Já se afirmou ser a pré-história uma continuação da história natural, havendo uma analogia entre a evolução orgânica e o progresso na cultura. A história natural traça o aparecimento de novas espécies, cada qual melhor adaptada à sobrevivência... A história humana mostra o homem criando novas indústrias e novas economias que estimularam o aumento de sua espécie e com isso provaram sua maior capacidade” (p. 32).

Ou seja, nas palavras de Childe, o processo é assíncrono. Ele menciona o fato de que o estanho e o cobre (materiais que formam o bronze) eram muito difíceis de manusear, e, no entanto fazem parte de um período histórico conhecido como Idade do Bronze. É válido observar, no entanto, que a abordagem da nossa pesquisa necessita de um pouco de sincronia entre os elementos estudados, pois isso nos ajuda a compreender melhor como a verbalização e a utilização dos meios chegaram ao ponto atual. Tendemos a concordar com Childe sobre esta ausência de sucessão de eventos da história humana. A capacidade humana de ver, ouvir, processar informações, produzir algo novo e criar um significado em torno de tudo isso é o que vai definir quem nós mesmos somos.

Um exemplo: Childe reconhece que a técnica de plantio e a cultura de subsistência, além do domínio do fogo, são pontos chaves para destacar os seres humanos dos outros seres. Isso fez com que os grupos não precisassem mais migrar e pudessem plantar baseando-se nas observações sobre as estações do ano. Uma das consequências do assentamento é a criação do que ele chama de “crenças mágico-religiosas” (p. 105). As crenças tornaram-se um tipo de conhecimento que envolve a influência citada por Vygotsky na elaboração da tendência intencional de Stern, citada anteriormente.

Podemos observar que as teorias de Vygotsky e de Childe, apesar de serem formuladas em períodos diferentes e com abordagens diferentes, completam-se quando confrontadas com a própria história da evolução da comunicação, pois explicam como a fala se torna complexa e útil através dos tempos. Há, então, uma concomitância entre as duas formas de pensar e que dão conta da formação do ser humano em sua condição – não podemos falar em “completude” quando a evolução darwiniana é basal em nossa forma de ver o mundo.

A crença mágico-religiosa é uma epifania que precede as religiões, com suas hierarquias e rituais. Existem alguns aspectos que são o estopim para que isto ocorresse. Hominídeos que enterram integrantes de seu grupo ao lado de seus pertences pessoais são um primeiro passo para uma ideia de vida após a morte. Com este gesto, espera-se que o morto possa utilizar seus pertences caso exista algum tipo de paraíso ou morada. As pirâmides do Egito, as técnicas de embalsamento, todas são igualmente advindas desta concepção de que quando morremos algo continua vivo e permanece em outro lugar. A cultura de cada povo é o que decidirá se a “alma” segue para o céu, ou o inferno, ou se paira pelo mundo de alguma maneira. É interessante

notar, entretanto, que a ideia da continuidade tornou-se algo para ser alcançado, a ponto de se tornar um tipo de conhecimento estabelecido e difundido.

A religião passa a ser uma matéria soberana entre povos, que veem suas benesses, criam seus jogos sociais e fazem com que um sistema de crença também seja o regulador de suas atitudes e pensamentos. Julgamos importante abordar este tema para ilustrar melhor uma das facetas da construção do conhecimento religioso.

Se a crença torna-se reguladora das sociedades, inevitável que ela faça parte do dia a dia do povo. As crenças passaram por um processo que as tornou cada vez mais complexas, e um dos resultados disso é sua disseminação. A palavra falada, na concepção de Zumthor (2001), é a primeira a dar conta desta atividade:

Porque a palavra permanece mais perto do coração e não exige transposição; é saber direto; Pitágoras e Sócrates já tinham consciência disso ... A prática da confissão dita auricular expandiu-se progressivamente a partir do ano 1000, no próprio quadro de uma teologia penitencial constituída em escritura (p. 76).

A palavra falada é aquela que transmite não apenas o conhecimento, mas também a confiança de quem fala. Em um diálogo sobre crenças, falar com o líder religioso, com alguém que é tão ou mais comprometido em determinada crença ou para buscar novas formas de entendimento sobre ensinamentos, falar, sobretudo com alguém de confiança ganha um caráter especial; algo que contribui para que o conhecimento se perdue.

Um dos fundamentos do cristianismo é a disseminação dos seus ensinamentos. No livro de Marcos, capítulo 16, versículo 15 lemos: “E disse-lhes: ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Há alguns detalhes aos quais devemos nos ater. O primeiro deles é que a “ordem” dada por Jesus Cristo nesta passagem é feita pela palavra falada, ou seja, a crença continua calcada na mídia primária, ainda que o registro esteja em um livro – mídia secundária, que veremos adiante. Neste ponto a análise é sobre um cristianismo arcaico, quase marginal, e que a sobrevivência de suas convicções está calcada na tradição oral. Paulo de Tarso, nas viagens apostólicas que fez à Ásia Menor entre os anos 44 e 58 configura-se mais um evento que foi possível graças à oralidade (SILVA, AMARAL):

Nessas viagens, Paulo e seus companheiros podem dialogar com adeptos das religiões pagãs, então toleradas e apropriadas pelo Estado quando de sua conquista. Assim como o cristianismo, os Mistérios de Elêusis, os Mistérios órfico-dionisiacos, os mistérios ligados ao culto de Cibele e Átis, ao culto de Isis e Serápis, Adônis, Mitra foram também amplamente “comunicados pelos autóctones que já praticavam em seus países de origem e que foram forçados a imigrar como comerciantes livres ou como prisioneiros de guerra” (SCHELESINGER E PORTO, 1987, p. 95) (p. 4-5).

Os *diálogos* de Paulo com moradores de outras regiões são um passo determinante para o início da consolidação do cristianismo, primeiramente no Oriente e posteriormente nos domínios romanos. Entre religiosos que foram informalmente entrevistados durante estágio embrionário desta pesquisa, Marcos 16:15 é o estopim para um movimento que cresceu exponencialmente: a evangelização. Não se pode imaginar outro estratagema que não seja da persuasão, da fala muito bem direcionada. Zumthor nos dá o parâmetro real da situação quando descreve que “os ensinamentos e os rituais da ‘religião popular’ [cristianismo arcaico] se transmitiam da boca ao ouvido” (p. 79), e o uso da mídia primária, em meio a uma sociedade praticamente analfabeta, é bem mais que uma técnica: era a sobrevivência. Pensando no islamismo, Umar ibn al-Khattab foi instantaneamente convertido quando se deparou com o estilo de poesia que fora registrada no Corão (*Quran = recital*). Disse ele: quando ouvi o Corão meu coração ficou suave e chorei, pois o Islã entrou em meu coração²”. O que al-Khattab testemunhou foi um estilo completamente eloquente na poesia, algo que um *expert* em literatura jamais vira. E por todos os vinte anos em que o Corão foi recitado e transcrito, o mesmo estilo foi obedecido.

A adoção da escrita como difusora do conhecimento religioso também é importante, como destacaremos mais adiante, porém as incursões dos evangelizadores, sobretudo Paulo, e o diálogo tornam-se uma fundação muito sólida. O “boca-a-boca”, tão estimado no meio publicitário, torna-se um componente para amplificar a voz dos cristãos por onde passam. É uma rede de semi-influência que se constrói pouco a pouco e que apresenta uma mensagem de conforto muito menos “burocrática” que o judaísmo ou mais sedutora que as crenças pagãs. A ideia de um

² *When I heard the Quran my heart softened and I wept, and Islam entered to me.* (ARMSTRONG, 2001, p. 5)

messias que redime as pessoas de seus pecados e propõe um pós-vida de paz em troca de um bom comportamento e devoção a Deus parece ser mais que justa, independentemente do que dirão ateus e agnósticos. O uso da mídia primária não está restrito à ferramenta; a mensagem também é importante para o sucesso da empreitada. Zumthor mostra que “a ideia do poder real da palavra, ideia profundamente ancorada nas mentalidades de então, gera um quadro moral do universo. Todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva” (p. 75).

Em qual momento, então, o diálogo torna-se mais intenso a ponto de se transformar em um sermão? Exatamente quando as “sobrevivências animistas” de Étienne Delaruelle, citado por Zumthor (p.79), começam a se materializar de uma maneira mais consistente. A complexificação dos conceitos cristãos em torno da salvação, da alma e dos rituais exige que o ensinamento seja preparado a um nível semelhante a de aulas ou palestras. O diálogo torna-se, então, homilética.

Homilética vem do grego *homilia*, que significa *conversa* (SILVA, p. 3). Neste estudo pretendemos fazer a diferenciação entre a conversa entre duas pessoas e falar para um grupo, seja ele pequeno ou grande. A homilética é o parâmetro utilizado para quando há concentração de pessoas em torno de um orador, ainda que, independentemente da abordagem, o assunto permaneça o mesmo. É possível que a evangelização ocorra no diálogo entre duas, três, dez e uma centena de pessoas. Neste estudo a diferenciação entre diálogo e homilética existe para que se possa ter noção da abrangência na influência dos líderes que reúnem ouvintes, além de também ser uma ferramenta para trabalharmos a comunicação à distância (mídia terciária) mais adiante.

Zumthor nos dá sua visão sobre por que a homilética se torna possível:

Num mundo onde relações muito calorosas e muito estreitas ligavam na unicidade de seu destino os homens entre si e com a natureza, o campo de extensão do religioso, pouco distinto do mágico, era tão amplo quanto a experiência vivida. A "religião" fornecia à imensa maioria dos homens o único sistema acessível de explicação do mundo e de ação simbólica sobre o real. (p. 80)

O fator de identidade que une os pertencentes de uma sociedade em função de suas crenças sobrenaturais torna-se algo determinante para que a homilética seja um instrumento agregador. O elemento da fé compartilhada torna-se uma resposta

positiva à prática do sermão público pois existe uma troca entre as duas partes: quem profere o discurso e quem ouve. Silva (2016, p. 3) mostra a diferenciação entre conversa e discurso: “enquanto que a conversa é um diálogo em que o interlocutor tem uma participação direta e real, o discurso é um diálogo em que esta participação é direta, mas de forma imaginária” (p. 3). Esta afirmação abre um precedente para que possamos discutir o papel da audiência em um discurso e este nível de “passividade” que se acredita existir. A própria Igreja, em reconhecimento ao papel da audiência como participante de um discurso, fez modificações no rito da missa para que houvesse maior engajamento por parte dos fiéis – ao que se inclui missas rezadas no idioma pátrio, por exemplo.

Quando falamos sobre a distância entre o gesto e a fala em termos de comunicação, não era a intenção colocar o corpo em detrimento da voz em todo o processo, pois, afinal, ambas se completam dentro da mídia primária, exatamente como Baitello (1999) nos explica: “Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, "frases" e "vocábulo" corporais” (p. 2-3). Preferimos de alguma forma compartimentar a influência que a voz e o corpo têm em determinados momentos da comunicação para que pudéssemos entrar nas minúcias de cada aspecto. No momento em que Silva menciona o caráter de interação “imaginária” por parte da audiência durante o discurso, ele na verdade atem-se exclusivamente ao orador, sem levar em conta que a comunicação corporal da audiência também se torna um fator para o sucesso da homilética.

Isto porque posicionar-se diante de um público para fazer um discurso requer que as dinâmicas da fala entrem em consonância com a receptividade do que está sendo dito. Baitello continua:

O franzir do cenho, as rugas e os vincos, o leve e sutil microgesto das sobrelanceiras que acenam, o dançar das mãos, o dar os ombros, os milhares de olhares, o muxoxo, o riso, o sorrir e o gargalhar, o choro e o choramingo, a infinidade de nuances de movimentos labiais, a voz e suas modulações, o sentar-se e o estar sentado, qualquer que seja o movimento ou sua ausência, haverá sempre um sentido, uma mensagem a ser lida por um corpo vivo diante de outro corpo (p. 3)

Quer dizer, o sucesso do discurso dependerá também de como o orador sente se sua mensagem está sendo bem ou mal recebida. Silva (2007) explica que a mudança de posicionamento do púlpito do padre (e, conseqüentemente, do pastor evangélico) variou de acordo com a passagem do tempo para cumprir tanto os rituais quanto transmitir eficazmente a mensagem. Em um primeiro momento, explica o autor, os católicos construíram um cenário com o altar ao centro e o púlpito à margem, para que o cerimonial tivesse mais importância. Os protestantes, por sua vez, aboliram o altar e colocaram ao centro, em um claro posicionamento de que o discurso (a palavra de Deus) era mais importante que qualquer ritual. Em um novo momento da Igreja Católica, não existe mais a obrigatoriedade sobre a posição do púlpito – se ao lado da mesa da Eucaristia, se em frente. O que prevalece neste caso é o bom senso do padre para poder fazer os rituais e a evangelização da forma mais eficiente possível.

Zumthor cita exemplos de como os trovadores reuniam grupos de pessoas para fazer suas críticas sociais ou seduzir as moças, ou então a prática da leitura em voz alta em escolas, pois “desde a Alta Idade Média, as técnicas pedagógicas se constituíram sobre uma estreita base de escrita, por memorização (...)” (p. 83), e isto significa que, ainda que haja um apoio da mídia secundária de Pross (assunto para mais adiante), é na troca entre o professor e os alunos que se constrói um viés da homilética. Ele ainda completa:

A própria transmissão das artes se operava principalmente pela voz, e alguns dos caracteres próprios de qualquer expressão oral (sua adaptabilidade às circunstâncias, contrapartida da imprecisão nocional; sua teatralidade, mas também sua tendência à concisão tanto quanto à reiteração ...) se integravam em sua própria tecnicidade. (p. 83)

A necessidade da homilética cresceu somente após o cristianismo, que tem um componente que a difere das demais religiões. Silva (2007) explica que o cristianismo é a primeira religião de grande abrangência. O judaísmo e outras crenças tinham a característica de ser familiares ou tribais, ou seja, não havia a necessidade de propagar a crença de um grupo para outro pois elas tinham o papel de construir uma identidade, muito mais do que ser um instrumento de motivação pessoal, assim como o nome ou afiliação política de um grupo. Ainda que quando uma tribo se sobrepunha à outra e

esta última tinha o dever de assumir o deus da tribo vencedora, mesmo assim não era usual que houvesse uma doutrinação tão sistemática quanto há no cristianismo. Os hebreus, que historicamente são reconhecidos como os escolhidos por Deus (Javé), mesmo com esta postura não fazem pregações sobre suas crenças – o judaísmo, conforme nos mostra Shayne Cohen (1999), é constituído por fibras tão entrelaçadas e tão tesas que é compreendido mais como uma etnia que uma religião.

O cristianismo, em função de sua universalidade, exigiu que a homilética fosse não somente difundida mas também aperfeiçoada entre seus primeiros anos. Talvez menos pelo processo de helenização que sofreu nos primeiros séculos, mas sobretudo pelo versículo bíblico contido em Marcos 16:15. Outro componente também se faz presente nesta maneira de comunicar os ensinamentos cristãos: “os sermões de Pedro, de Estevão e de Paulo consistiam em narrar os fatos bíblicos e aplicá-los à vida de Jesus (...)” (SILVA, 2016, p. 10). E completa:

A homilética nasceu quando os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens seguindo as técnicas da retórica grega e da oratória romana. Somente conhecendo a história podemos admitir que a homilética (que deveria ser a arte da conversação) seja sinônimo de retórica (...) aplicada à religião. (p. 10)

A consolidação da prática vocal na religião, especificamente no cristianismo, que é nosso principal objeto de análise, torna a mídia primária de Pross um instrumento essencial na manutenção da fé. Zumthor nos lembra que

Partes inteiras da Bíblia, como os Salmos, conservaram as marcas formais e as particularidades semânticas de um discurso oral. Ora, os Salmos foram, durante séculos em todo o Ocidente cristão, o livro no qual os escolares exercitavam a leitura, a pronúncia e a memorização (p. 84).

Não é de se espantar que esta religião tenha sobrevivido por tanto tempo, pois ela se fez valer da tradição oral para criar suas bases mais sólidas. E sabe-se que foi feito até mesmo por subterfúgios, como utilizar meios marginais para transmitir suas mensagens. Aliás, até a metade do século IV, o cristianismo era uma religião marginal, até Constantino Magno instituí-lo como religião oficial de Roma – há quem diga que ele fora seduzido pelas palavras de fé e os que dizem que foi simplesmente

para reaver o controle social – nós entendemos que a segunda opção é a mais coerente quando confrontamos os dados históricos.

O cristianismo conserva um elemento básico de qualquer religião: é epopeico, ou seja, as narrativas sobre construção moral, os cânticos de louvor, até mesmo capítulos inteiros da Bíblia, trazem cenas que envolvem superação, decisões que precisam ser tomadas para que alguma harmonia se estabeleça ou até mesmo sacrifícios. O modelo é semelhante em diversas outras crenças. No Bagavad-Guitá, Arjuna está atormentado com seu destino e seu dever perante a humanidade, e recebe ensinamentos de Krishna na forma de diálogos filosóficos. Ao olharmos para o monoteísmo abraâmico, nota-se que se assemelha a uma trilogia religiosa, tendo o judaísmo como a base e o cristianismo e islamismo como desdobramentos. O judaísmo trata de questões filosóficas e de leis, mas também trata de problemas morais. Abraão tem sua fé testada por Deus, que o ordena matar o próprio filho, Isaac. Ao que ele está perto de concluir a tarefa, envolto em contradições mas sem abalar sua fé, o anjo Gabriel o interrompe. O cristianismo é a revelação de Jesus como filho de Deus e o relato de seu calvário. O islamismo é a revelação da palavra de Deus (Alá) ao profeta Maomé por intermédio também do anjo Gabriel. Jesus não é cogitado no judaísmo, pois, nesta religião, ainda se espera a chegada de um messias – daí o cristianismo como dissidência. No islamismo, Jesus Cristo é um importante profeta, apesar de não ser mais a figura central em ordem cronológica no Corão: Adão, Enoque, Noé, Éber, Selá, Abraão, Ló, Ismael, Isaque, Jacó, Jó, Jetro, Moisés, Arão, Ezequiel, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Jonas, Zacarias, João Batista, Jesus e Maomé. Todas as três religiões compartilham personagens, passagens, princípios e elementos que são comuns ao monoteísmo.

Tamanha complexidade de ideias no âmbito das crenças faz com que formas de registrar tais histórias sejam buscadas. A perenização do conhecimento a partir da escrita, portanto, é o que trará novos contornos às religiões. A validação da palavra sagrada a partir do texto e da forma abrirá novas percepções sobre deuses, enviados e a maneira com que as sociedades se relacionam a partir destes conceitos.

CAPÍTULO II

DA HOMILÉTICA AO PAPEL

*Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor táctil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários,
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lançá-los pra fora das janelas
(Talvez isso nos livre de lançarmo-nos)
Ou - o que é muito pior - por odiarmo-los
Podemos simplesmente escrever um.*

Caetano Veloso

A escrita sucede a crença, mas não a tolhe, pelo contrário: a escrita torna-se uma aliada para a perenização do pensamento mágico. Vamos aqui nos debruçar nos aspectos pelos quais ela se fez necessária. Zumthor (1993) está calcado no utilitarismo da grafia como uma forma de perenizar a voz. Por isso, “o que deve ter favorecido a escritura é a relação estreita que ela mantinha com a voz” (p. 97). Até mesmo a maneira como o corpo se comporta modificou-se em função da escrita, principalmente pelas horas sentado redigindo, copiando e traduzindo coisas. Baitello (2001), por outro lado, propõe uma visão poética do ato de escrever ao dizer que este é um ato de “conquista da lentidão e a vitória sobre o tempo e a morte” (p. 4).

Em ambos os casos, confere-se que tudo o que é dito pode ser registrado em um tipo de meio que torna a palavra perene. Com uma caneta, lápis, pena, tinteiro ou algo com que se possa marcar, e um papiro, papel ou algo em que se possa deixar uma marca tem-se a possibilidade de registrar uma informação que se torna – com os devidos cuidados – indelével. Este meio é chamado de *mídia secundária*. Ela é definida por Harry Pross como

aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia,

também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...)” (Pross, 1971:128) (apud BAITELLO, 2001).

A escrita tem a função de organizar o conhecimento de tal forma que possa criar estruturas de dados. Ainda que a *Ilíada* de Homero pudesse ser recitada por uma ou mais pessoas, *ainda que* pudesse, haja vista a densidade da obra, alguém haveria de sugerir algum tipo de registro que fosse parecido com a escrita. A escrita *tinha* que ser inventada, porque não é apenas o registro, a aproximação da fala e a redação; trata-se também de uma forma de organizar o pensamento. Constatamos no capítulo anterior que a comunicação já existia utilizando a fala como suporte, porém agora utiliza-se um novo suporte para sustentar a mensagem que é transmitida. A própria estrutura de uma dissertação como esta exige que se siga uma concatenação de ideias que esteja de acordo com um estabelecimento e uma ordem previamente concordados e adotados. E chanceladas pela escrita. Ainda estamos falando das mãos; de pessoas que escrevem utilizando objetos pontiagudos embebidos em tinta. A mecanização da mídia secundária fica para parágrafos vindouros.

Mais uma vez corroboramos com a proposta de Childe de que a história é assíncrona. Precede-se à fala o registro em paredes com tintas extraídas de árvores, as pinturas e gravuras rupestres. É importante salientar que este estudo leva em conta a concepção do *idioma* como *fala*, pois em palavras que constituem significados reside a construção de um pensamento mais sofisticado do que com grunhidos. No entanto, estes mesmos grunhidos são os que acompanharam homínidos no período Aurignaciano, em que são encontradas as pinturas rupestres mais antigas de que se tem notícia³. Este tipo de registro sobreviveu à Era do Gelo pois em períodos posteriores ainda era difundido, inclusive com novos formatos, como gravações em pedras ou estátuas. O fundamento é o mesmo de desenhar em uma parede de caverna, no entanto altera-se a mídia utilizada.

Quanto às mensagens contidas nas figuras rupestres, elas tratavam basicamente de objetos relacionados à caça e figuras de adoração – aí um outro indício da aurora do pensamento mágico que culminou nas religiões como as conhecemos hoje. A discussão, porém, reside na qualidade da arte produzida: até que houvesse testes que confirmassem datações, a procedência das pinturas era

³ Poikalainen, Väino. *Palaeolithic Art from the Danube to Lake Baikal*. Em: *Folklore - Electronic Journal of Folklore*, 2001. Disponível em <<https://www.folklore.ee/folklore/vol18/paleoart.pdf>>. Acesso em 1 Abr. 2016.

especulativa, quer dizer, por uma parte de cientistas havia consenso de que se tratava de fraude⁴.

Podemos novamente viajar pelos anos até chegarmos ao papel como aparato. Zumthor (p. 96) diz que “A Idade Média foi a idade da escritura”. O autor também destaca que o processo de escrita ocidental tem uma abordagem diferente da praticada na China mil anos antes, corroborando com nossa ideia de que a escrita está ligada à organização e registro de conhecimento além da divulgação de ideias. Ele ainda esclarece que “(...) o que deve ter favorecido a difusão da escritura é a relação estreita que ela mantinha com a voz (...) porque nosso modo de codificação das grafias medievais fazia destas uma base de oralização”. É exatamente esta a *padronização* da língua, tirando-a das ruas, colocando-a nas gramáticas e devolvendo-a às ruas com um padrão – e, por consequência, às bibliotecas, que criam uma ruptura social que analisaremos mais abaixo.

Organizar conhecimento em papel fez surgir profissões. A pessoa que dita é geralmente quem comanda grupos de pessoas, e ela já tem um diferente ofício que tenha que cumprir. O rei ou imperador poucas vezes pegou em uma pena (por vezes nem queria assinar o próprio nome), mas era intelectualizado o suficiente para ditar leis, estratégias e ideias que perdurariam por muitos anos. Quando se trata de religião, os sermões também eram registrados para uso futuro, que ajudariam a compor a biblioteca da Igreja. O protestantismo fez uso da escrita para dar conta de sua subversão ao cristianismo ao fixar nas paredes papéis com sua ideologia e, assim, lograr em difundir uma dissidência que se torna ao longo dos anos uma religião de grande destaque no cenário mundial do cristianismo. Foi assim com as 95 teses de Wittemberg⁵.

Zumthor (1993) amplia o cenário sobre o papel do *SCRIPTOR* ao colocá-lo em uma posição de destaque, por mais que, segundo ele próprio, muito homens nobres desprezavam a profissão (p. 102). O argumento é que eles [os copistas e escribas] tinham uma função augusta, e se orgulhavam a ponto de assinar as obras que lhes eram ditadas ou mesmo que copiavam:

⁴ *Ibidem*.

⁵ Em 31 de Outubro de 1517, o reverendo Martinho Lutero afixou na abadia de Westminster suas 95 Teses, que eram resoluções em favor da “verdade cristã” e contra o “comércio de indulgências” (compra da própria absolvição por parte dos fiéis) estabelecido pela Igreja Católica. Estas 95 teses foram o início da reforma protestante, uma dissidência cristã denominada atualmente como evangélicos. Fonte: <http://www.culturabrasil.org/zip/95teses.pdf>

O *scriptor* recebe, em geral auditivamente, o texto a reproduzir. As grafias mesmo, e suas alterações, parecem implicar que ele interiorizava uma imagem das palavras mais sonora do que visual. Nos *scriptoria* onde se mantinha o sistema antigo da *pronunciatio*, uma equipe escrevia por ditado; funcionava então, num primeiro momento, como receptora em situação oral-auditiva. A duração, às vezes considerável, do ditado de textos longos não podia deixar de mostrar fortemente esse efeito. Admite-se que a *pronunciatio* da *Summa theologica* de Tomás de Aquino durou três anos. (p. 102-103).

A escrita cai em um problema, no entanto, que demorou a ser superado: a leitura. A partir do ano 1150, quando começou ficar mais abundante, a escrita ainda era estranha aos olhos de pessoas comuns, iletradas, e que passavam despercebidas por capas de livros ou avisos em portas. Apesar de parecer algo natural – coisa que não é –, falar, ler e escrever exigem certas habilidades e treino, tanto do corpo quanto do cérebro. Por serem subprodutos de recursos originalmente criados para outras funções, ler e escrever precisam entrar em sincronia para que a mensagem seja compreendida. A mão serve para pegar; manusear um lápis e registrar códigos que são inteligíveis a outras pessoas são parte de um processo que exige milhares de anos de evolução. O mesmo pode-se dizer da leitura, em que os olhos servem para ver, mas identificar códigos e processá-los é uma ação deveras complexa e que exige treino.

Gutenberg cria a prensa em 1420 e isto torna-se um evento decisivo para que a sociedade ocidental seja mais uma vez transformada, pois a partir deste momento os livros começam a ficar mais acessíveis, e o movimento de construção de conhecimento e alfabetização da sociedade também começa a ganhar corpo. A escrita teve papel na organização social porque, a partir do século XV, começou-se a fazer diferenciações mais pontuais entre pessoas pelo que elas acumulavam de conhecimento. Tal acúmulo se dá pela leitura de livros – à época, conforme Zumthor (p. 98), alguns poucos deles já seriam suficientes para se ter boa colocação social. As publicações operavam na mudança de costumes sociais e no comportamento do corpo humano. O impacto social que ler e escrever opera nas sociedades é determinante para sua evolução em termos organizacionais. As pessoas alfabetizadas são, na maioria das vezes, as que conseguem os melhores empregos e, por consequência, os melhores salários. Potencialmente, elas podem morar em bairros melhores, e isto torna-se um dos fatores para a cisão entre membros de uma mesma sociedade.

Inicia-se, aí, um novo embate entre imprimir e escrever com as mãos. Tal como diz Baitello (2001), “O grande trunfo da escrita não é, portanto, a velocidade, mas a lentidão que permite cifrar e decifrar enigmas. O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida” (p. 5), e este ritual se confronta com a velocidade da Idade Moderna, com a dureza das máquinas que reproduzem as palavras sem se dar conta do que estão reproduzindo. Zumthor (1993) complementa este raciocínio:

Apesar dos aperfeiçoamentos que lhe foram trazidos no curso do tempo, a técnica da escritura é difícil de dominar e exige rara competência. Suas diversas fases são assumidas pelo mesmo homem: composição da tinta, dimensão do cálamo ou da pena e, às vezes, preparação do suporte antes de traçar os caracteres. O material dá trabalho, ou por sua fragilidade (como a pena) ou porque exige um longo tratamento prévio (como o pergaminho). Dois sistemas gráficos se combinam, um herdado de Roma (o alfabeto e certos procedimentos abreviativos), o outro devido a inovações frequentemente próprias a esta ou àquela oficina: abreviações por elevação ou rebaixamento de sílabas; introdução de signos estenográficos e de símbolos - sistema fadado a ter grande desenvolvimento entre os séculos XIII e XV, em consequência mesmo do crescimento do número de escritos. Escrever é um ofício árduo, cansativo, cujo exercício constitui um artesanato organizado: dos mosteiros carolíngios aos "livreiros" urbanos do século XIV, o caminho foi longo, mas sem viradas bruscas. (p. 99-100)

Se pudermos considerar um ponto de divisão neste caminho da escrita, este seria a prensa de Gutenberg. Antes o texto era distribuído em pergaminhos, papiros e outras mídias mais voláteis; agora, com o papel e a encadernação, passamos a ter um meio de comunicação prático e robusto. A máquina, no entanto, trouxe duas novas particularidades. A primeira é o produto final, o livro em si. A Bíblia de Gutemberg – também conhecida como Bíblia de 42 linhas – parece emanar um encanto visual pela exatidão com que as linhas são milimetricamente colocadas sobre o papel. A precisão com que foi feita é tal que a Bíblia de Gutemberg não tem mais valor monetário, ainda que o conteúdo seja exaustivamente reproduzido – de acordo com a Aliança Bíblica Universal, a Bíblia foi traduzida para 2.303 línguas diferentes⁶. A prensa é

⁶ **A História de Deus.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2015, p. 14.

capaz de dar uma nova vida ao trabalho do escritor no sentido de que sua produção intelectual pode ser distribuída em velocidade e qualidade superiores.

A segunda particularidade diz respeito ao trabalho manual de refinamento de um livro. Logo após o surgimento da prensa, os copistas tornaram-se mais caros e exclusivos, pois seu trabalho ficou mais refinado em comparação ao de uma máquina. Além disso, revisores e tradutores também passaram a ser profissionais mais exclusivos pois agora não se trata somente de erros de grafia ou concordância: os erros gráficos causados por máquinas mal calibradas também se tornam frequentes. Assim, estes profissionais passaram a possuir um diferencial social exclusivo.

Criou-se um caráter de autenticidade no que é escrito. É uma forma de autenticar o que é dito por alguém importante, como um rei ou um papa. Não é o caso, no entanto, de entrarmos no mérito se é um *apelo à autoridade* (como falácia lógica), mas é um processo que institucionalizou a assinatura para garantir que vontades fossem validadas pelo senso comum. Foram criadas chancelarias, que assinavam documentos cujo conteúdo se tornava oficial. Conforme Zumthor nos explica (p. 102), os reinos bárbaros, germânicos, franceses, italianos e outros que compunham cidades-Estados pela atual Europa se valeram das chancelarias para seus decretos. Esta institucionalização da assinatura cria uma regra, pois torna-se uma convenção estabelecida, de que o que é escrito passa a valer mais do que é falado. Não sabemos se é o caso de elucubrar se vale *tanto quanto*, se a fala vale *tanto quanto* a escrita, por exemplo, em termos burocráticos ou na consolidação de determinadas convenções sociais, mas entendemos que, se o passo final para a validação de algo é a escrita, a assinatura, então podemos assumir que escrever está pelo menos um degrau acima de falar dada a representatividade do ato dentro do estabelecido. É importante frisar, também, que aqui estamos falando das sociedades em que a escrita é instituída, pois ainda há sociedades cuja base da comunicação é a fala. Esta burocratização da palavra escrita representa um passo importante para religiões, mas não substitui a palavra de Deus. Pode-se encará-la como uma chancela. A partir de agora começamos a entender a importância dos textos sagrados dentro das religiões, especificamente do Cristianismo.

Apesar de todos os livros sagrados serem construídos fundamentalmente da mesma maneira, ateremo-nos à Bíblia. As histórias bíblicas são primordialmente tradições orais. É um registro substancial sobre os costumes, as lendas e os códigos sociais dos que viviam naquela porção do Oriente Médio – Israel e arrabaldes. A

urgência em registrar os ensinamentos dos líderes religiosos engloba alguns aspectos: (a) perenizar tal conteúdo para que seja passado para as gerações futuras; (b) chancelar o que é dito com a escrita para lhe conferir um valor maior e (c) criar um códice que possa ser venerado e respeitado pelos adeptos do cristianismo. E quando nos referimos à Bíblia como “códice” estamos dando a ela o mesmo tratamento que SCHNIEDEWIND (2004) recomenda:

Nós lemos a Bíblia sob nossa perspectiva altamente letrada. No entanto, a Bíblia foi escrita antes mesmo de haver livros. Pensemos de outra maneira: o “livro” moderno (no sentido estrito de palavras em páginas costuradas entre duas capas) segue a invenção do códice, que eram folhas com escritos em ambos os lados. A substituição do pergaminho pelo códice foi um dos maiores desenvolvimentos na história da escrita (p. 3)⁷.

Podemos separar dois períodos distintos para a escrita da Bíblia: o primeiro se dá com a produção do Velho Testamento (ou a Torá, para os judeus), já o segundo é o Novo Testamento, ou os textos sobre o cristianismo, uma religião dissidente do judaísmo. Toda esta produção, de acordo com Schniedewind (p. 18) deu-se entre os séculos V antes de Cristo e IV depois de Cristo. A questão está nas influências para decidir o que é realmente um texto religioso e o que é mera tradição oral. Para Philip Davies, de acordo com Schniedewind, a Torá tem um caráter nacionalista do final do império persa, em que Israel vivia um momento de grande transformação social. Salienta-se, no entanto, que não levamos em conta as produções textuais prévias à compilação da Torá ou da Bíblia; o que entendemos a partir de Schniedewind é que é esta compilação que configura ao livro este caráter sagrado. Já no caso do Novo Testamento, pedaços de registros sobre a crença no cristianismo foram sendo encontradas, recuperadas e compiladas em um único códice. A influência do helenismo é, na visão de Davies e Schniedewind, determinante para que esta aura sobre os dogmas cristãos fosse criada.

⁷ *We read the Bible from our own perspective of a highly literate world. Yet, the Bible was written before there were books. Let us think of this in another way. The modern “book” (in the narrow sense of that word as the pages bound between two covers) follows the invention of the codex, which had leaves of pages with writing on both sides. The replacement of the traditional scroll by the codex was a major technological development in the history of writing* (SCHNIEDEWIND, William. M. **How the Bible became a Book**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004).

A produção de livros sagrados é justificável. A tradição judaica (M. Avot 5:6) ensina que o dom da escrita foi dado por Javé (YHWH) no sexto dia da criação e que serviria para registrar suas palavras pelas mãos da humanidade. Entende-se, a partir disto, que a produção de textos religiosos não tem somente a ver com a utilização das tecnologias à medida em que elas surgem, mas também com o viés religioso que está incrustado na ação de escrever. O caráter divino da escrita incluído nas crenças judaicas acaba sendo transferido para as outras religiões dissidentes (cristianismo e islamismo) para que os textos tenham aceitação social. Trata-se de um algoritmo complexo que envolve a influência de líderes sociais, a urgência dos povos em ter uma religião que seja agregadora, o nacionalismo, a política, a necessidade de um deus que expurgue as aflições das pessoas e a hierarquização das sociedades. Há também os aspectos antropológicos e neurológicos, que foram citados anteriormente e que igualmente contribuem para este complexo tecido sociológico. Schniedewind concorda que “nas primeiras sociedades, escrever era um conhecimento guardado para elites políticas e religiosas” (p. 25)⁸.

A instituição da Igreja como um centralizador e regulador do cristianismo se dá entre os anos 1 e 313 (LLORCA, p. 19). Pela ótica cristã, de acordo com Llorca, havia três inimigos com os quais a Igreja teve duros embates até que se fixasse com plenitude: os imperadores romanos, os sacerdotes e filósofos, e os hereges (que podemos interpretar claramente como os pagãos, que tinham – ou não – suas próprias religiões). A Igreja teve que lutar contra as formas de pensar que pairavam sobre as sociedades helenizadas, como o estoicismo e o epicurismo, pois são filosofias contrárias ao que é apregoado no cristianismo a respeito do papel de Deus sobre os seres humanos, sobre o que é destino e a retidão. Novamente, pela ótica cristã, nem todos os comportamentos eram adequados, de acordo com o que era pregado pelos líderes religiosos e, portanto, criava-se um choque de ideologias entre o previamente estabelecido e o entrante.

A concepção da Bíblia tal como conhecemos hoje segue uma cronologia bastante definida. No entanto, as partes que formam o todo vêm de formas diferentes. Conforme nos explica Schniedewind, a adoção de livros sagrados em religiões e, conseqüentemente, o senso comum sobre a autoridade que neles reside, tem um começo:

⁸ *In early societies writing was a guarded knowledge of political and religious elites.*

A Bíblia como conhecemos começou a tomar forma em Jerusalém ao final do século VIII antes de Cristo, nos dias Isaías, o profeta, e Ezequias, o rei de Judá. Forças políticas e sociais muito poderosas convergiram àquela época resultando na coleção de tradições e escritos antigos bem como a confecção de textos novos. Além disso, Jerusalém emergiu como um pujante centro político. (...) Escrever tornou-se parte da burocracia local bem como uma extensão política do poder real. Estas mudanças foram catalisadoras para compor a literatura bíblica. Era a alvorada da literatura da Bíblia. (p. 64)⁹.

As mudanças sociais promovidas pela política contribuíram para que Jerusalém se tornasse cada vez menos iletrada e pudesse se envolver mais nas questões e tradições judaicas, acarretando também em mudanças religiosas. Este movimento reforçou a unidade judaica e contribuiu para que ela permanecesse fortalecida por muitos séculos – a Revolução Industrial, as guerras e o Holocausto quebraram esta unidade em grande escala, mas ainda se vê um pouco dela em escalas menores. Mas é importante notar que este processo de transformação religiosa começou a se retroalimentar: quanto mais se compreendia os textos sagrados, mais explicação se exigia deles para que o judaísmo se tornasse cada vez mais um amálgama social.

O surgimento do cristianismo faz com que estas tradições também se alastrem pelo império romano. As ideias cristãs careciam de corroboração na escrita para que pudessem ter a mesma força teológica que o judaísmo já possuía. Há, no entanto, uma justaposição nos números que revelam o processo de alfabetização da população que se valeria dos textos bíblicos: enquanto o Império Assírio fazia suas incursões e ampliava seus domínios políticos e culturais, sobretudo com a adoção de uma escrita alfabética e o idioma Aramaico (SCHNIEDEWIND, p. 45), o que fez com que o número de alfabetizados crescesse exponencialmente, Zumthor (1993) afirma que, até o ano 1000, o número de pessoas alfabetizadas no Ocidente era entre

⁹ *The Bible as we know it began to take shape in Jerusalem in the late eighth century b.c.e., in the days of Isaiah, the prophet, and Hezekiah, the king of Judah. Powerful social and political forces converged at that time resulting in the collection of earlier, mostly oral, traditions and the writing of new texts. In addition, Jerusalem emerged then as a powerful political center. The small, isolated town of Jerusalem mushroomed into a large metropolis. Writing became part of the urban bureaucracy as well as a political extension of growing royal power. These changes would be the catalyst for the collecting and composing of biblical literature. It was the dawn of the literature of the Bible.*

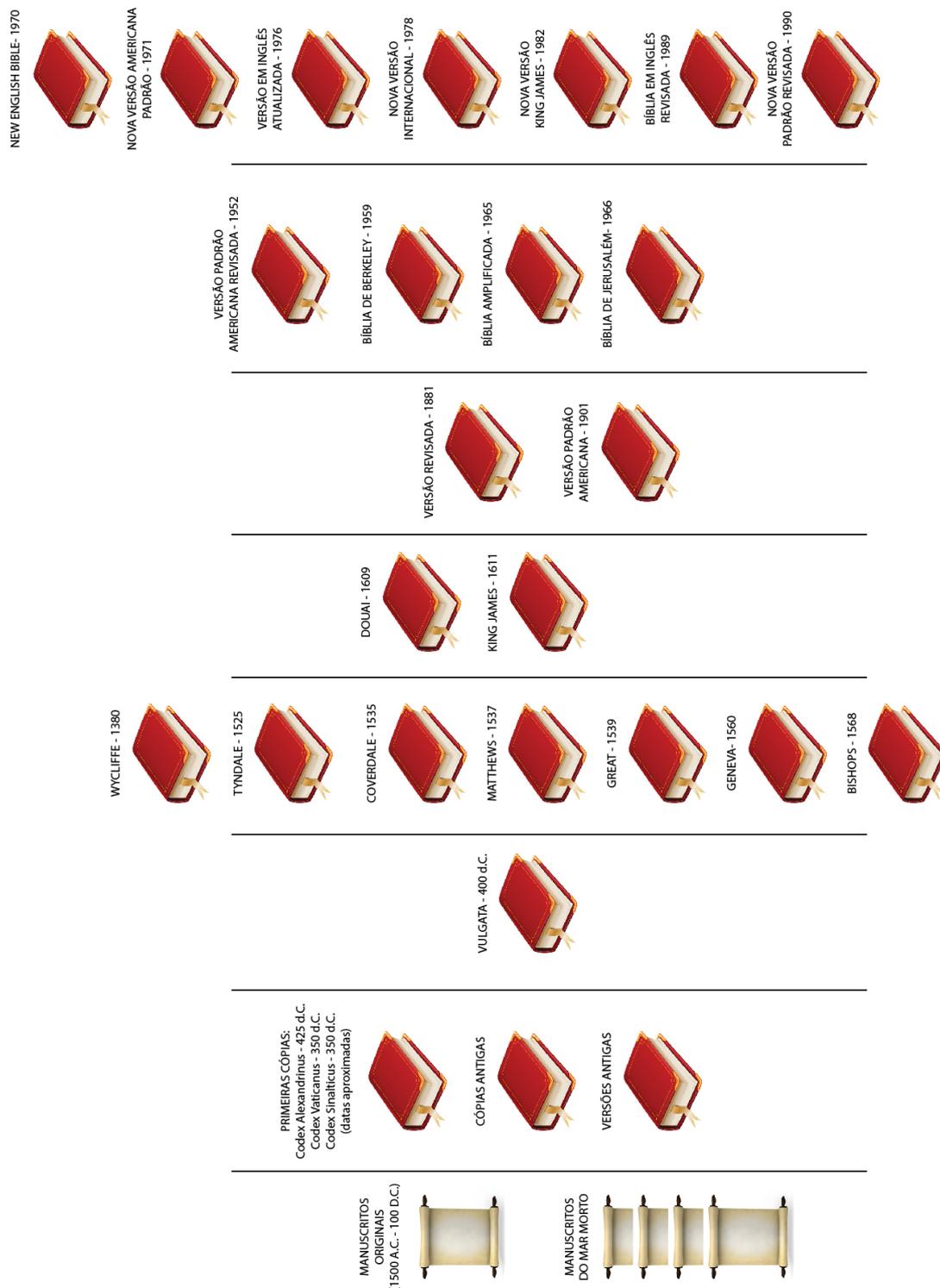
1% e 2%. Este não é um processo uniforme, o que faz com que diferentes regiões do mundo sejam alfabetizadas de acordo com a vontade política dos governantes, ou a própria vontade do povo. Zumthor (p. 107) revela que “pertencer à Igreja não acarreta necessariamente o conhecimento da *ars legendi*¹⁰: o analfabetismo do baixo clero é objeto de queixas periódicas (...)”, e isto mostra como diferentes sociedades lidam com seus avanços.

Como Schniedewind nos mostra, a Bíblia não é um livro comum, em que a leitura é feita como nos outros livros de ficção ou biografias. No entanto, ainda que permaneça desta forma até hoje, o acesso facilitado a ela – graças, principalmente, à prensa de Gutenberg – fez com que a mídia secundária se tornasse algo extremamente importante para a sociedade em seus diferentes aspectos: político, burocrático, religioso, acadêmico, etc. A mídia secundária é o suporte durável com o qual o tempo é capturado. Como diz BAITELLO (2003), “O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida”.

Desde o surgimento dos primeiros papiros até a prensa, o papel como suporte teve um ritmo em seu uso e sua popularização. A partir da prensa e da maneira eficiente de replicar papéis, criando assim uma grande indústria literária e de disseminação de conhecimento – uma indústria calcada no capital. O caminho da produção da Bíblia em larga escala é um processo que seguiu mais de 3 mil anos:

¹⁰ Técnicas de leitura, segundo o Google Translator.

FIGURA 1: Cronologia da Compilação da Bíblia em inglês



Fonte: Back to the Bible Broadcast. Arte do autor.

O foco deste estudo é a religião cristã, mas não podemos nos furtar em considerar que as outras religiões também fazem parte não somente do movimento propagado pela mídia secundária, mas também de como ter um livro sagrado torna-se referência para a constituição de uma religião. Em 2014, a Justiça Federal do Rio de Janeiro emitiu uma sentença na qual considera que “os cultos afro-brasileiros não constituem uma religião” pois, segundo o juiz, falta-lhes elementos que a caracterizem como tal, entre eles um livro sagrado, como a Bíblia ou a Torá. Deixaremos o caráter cintilantemente tóxico desta decisão exclusiva, em termos humanistas, concentrando-nos no aspecto que defendemos ao longo deste capítulo: o ato de escrever, e deixar algo escrito, de chancelar com tinta e papel, incrustou-se no cotidiano em um movimento gradual de transformação. Se antes a escrita e a leitura eram relegadas a uma parcela da sociedade em todos os países e cidades-estados, a prensa de Gutenberg, criada por volta do ano 1450, ampliou o espectro e as possibilidades não somente para a consolidação do racionalismo, mas também para uma democratização da religiosidade – diferentemente do que o tal juiz fluminense gostaria –, sobretudo com as traduções dos livros sagrados.

As religiões têm muito a agradecer aos que criam estas tecnologias, como papel, canetas, prensas e outros tipos de recursos amplamente utilizados no que Harry Pross categoriza como mídia secundária. No entanto, a partir do final do século XIX um novo patamar na comunicação surge na vida das cidades, agora muito mais estruturadas, com suas fábricas, as classes sociais, suas igrejas e, acima de tudo, a busca de estilos de vida que atendam a ânsia das sociedades. Para todos estes motivos e outros incontáveis surge o rádio e a televisão.

CAPÍTULO III

DO PAPEL À TELE-HOMILÉTICA

*A televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
Oh! Oh! Oh!
Agora todas coisas
Que eu penso
Me parecem iguais
Oh! Oh! Oh!*

Titãs

Quando o papel já não se tornou mais suficiente para a expansão da fé cristã, um sentimento dicotômico tomou a Santa Sé: por um lado existia uma relutância em aceitar que a modernidade desembocaria no uso dos meios eletrônicos, que causavam muita aversão, e, por outro, estes mesmos meios eletrônicos tornaram-se sedutores para a manutenção do que é exigido na Bíblia em Marcos 16:15, conforme vimos ao longo deste estudo. Se persiste necessário pregar o Evangelho a toda criatura, a mídia terciária acaba por se tornar um meio viável para a Igreja Católica, haja vista a ascensão do protestantismo, que passou a tomar conta não apenas da TV, mas também das estações de rádio pelo Brasil. São vários os fatores que compõem a mídia terciária. Em uma análise direta, podemos classificá-la como aparelhos que necessitam de aparatos para codificar e decodificar sinais. Nas palavras de Baitello Jr (2000):

A mídia terciária, diz Pross, “são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor” (Pross, 1971:226). Contam aí a telegrafia, a telefonia, o cinema, a radiofonia, a televisão, a indústria fonovideográfica e seus produtos, discos, fitas magnéticas, CDs, fitas de vídeos, DVDs, etc (p. 4).

Mas não se resume apenas a isso. Conforme nos mostra Baitello Jr no livro *A Era da Iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*, a mídia

terciária só é possível pelo surgimento da eletricidade, pois com ela pode-se conectar e operar os aparatos que codificam e decodificam as mensagens bem como os aparelhos que geram e recebem os sinais. Isto significa, portanto, que para uma missa ser transmitida pela televisão, é necessário que câmeras, equipamentos de áudios, *switches*, sistemas de transmissão, antenas e a televisão na casa do telespectador estejam conectadas em um sistema elétrico que seja universal e compatível.

A mídia terciária, de acordo com Pross e asseverado por Baitello Jr (2005), permite que as escalas espaciais e o impacto receptivo sejam extrapolados. Enquanto o primeiro diz respeito à área de atuação da mídia, que pode receber sinal de transmissão de virtualmente qualquer lugar do planeta, o segundo aspecto refere-se à maneira como a mensagem é recebida pelo telespectador. Aliado ao advento da eletricidade e da engenharia elétrica, é possível que uma rede de transmissão de sinal televisivo seja construída em um país e toda a população, ao possuir um aparelho de televisão, possa se beneficiar deste sinal. Tem-se aí, portanto, um novo modelo de negócios que, no Brasil, foi iniciado por Assis Chateaubriand.

Em sua tese de doutoramento, *A Construção de Vínculos Religiosos na Cibercultura: a ciber-religião*, o professor Jorge Miklos descreve de maneira elucidativa como a Igreja constrói sua influência na sociedade utilizando a política como meio de atuação, resultando, assim, em uma incorporação que suscita sentimentos diversos na sociedade:

Nunca antes esses grupos (católicos e evangélicos) aglomeraram tanta influência nos meios de comunicação eletrônicos. E nunca trabalharam tão visivelmente para eleger deputados, senadores, governadores ou apoiar candidatos identificados com seus ideais e projetos (2010, p. 32).

Há uma relação de interdependência entre os atores deste cenário: a Igreja, mesmo relutante, compreendeu as vantagens da utilização da televisão para propagar a mensagem cristã e adaptou-se aos novos tempos para tirar benefício disso – ainda que muitos dos discursos permaneçam inalterados, ao menos a forma de dizê-los é nova. Ao mesmo tempo, os fiéis passaram a depender (não totalmente, mas convenientemente) das transmissões de programas religiosos. Os fiéis também dependem da Igreja por ser a reguladora de sua fé e, dentro da mesma conveniência, buscam a manutenção da fé também pela televisão a partir dos programas religiosos.

Podemos trazer, afinal, o conceito de ecologia da comunicação que, ao lado das teorias de mídia de Harry Pross, tornam-se as ferramentas para analisar o cenário atual da comunicação religiosa dentro de diferentes perspectivas. Em primeiro lugar, devemos definir o conceito de ecologia, conforme nos mostra Romano (2004):

O termo “ecologia” vem do grego *oikos* (casa, lugar) e *logos* (doutrina, ciência). Em 1866, o zoólogo e filósofo da ciência Ernst Haeckel (1834-1919) definiu a ecologia como a ciência que estuda “as relações do organismo com o mundo exterior que o rodeia, entre as quais pode-se encontrar, em um sentido amplo, todas as condições de vida” (p. 46).

E ainda:

A característica do discurso ecológico está na interação recíproca. Por conseguinte, como disse Leonardo Boff, “a ecologia é um saber sobre as relações, interconexões, interdependências e intercâmbios em todos os pontos e a todo momento” (p. 47).

Podemos compreender a ecologia da comunicação, a partir desta explanação inicial, como o conjunto de relações que ocorrem dentro dos processos comunicacionais. Ao mesmo tempo que trabalha como uma crítica, como nos indica Romano (2004) a partir das opiniões de Thomas Muntschick, a ecologia da comunicação também é uma revelação sobre como todos os atores do processo comunicacional se comportam, inclusive alguns que não se davam conta anteriormente, ou que autores prévios não julgavam que pudesse haver uma relação entre eles. Como nos explica Romano, a ecologia da comunicação tem o papel de produzir e conservar relações e experiências (p. 148-149). Então, todos os lados são considerados: a técnica que produz os conteúdos que são transmitidos, o corpo como receptor e como transformador (e transformado), os aspectos mercadológicos, entre outros.

A ecologia da comunicação estuda hoje o que o meio ambiente produziu nas mentes, corpos e sociedades (p. 148-149). Sua pertinência está na reação à comunicação tecnológica, no sentido de ampliar a análise dos produtos comunicacionais e, conseqüentemente, culturais dentro das sociedades:

Surge, então a exigência de que os seres humanos tomem consciência e assumam sua responsabilidade em seu entorno comunicacional. Neste contexto torna-se relevante a educação das crianças e jovens para uma existência comunicativa e um trato razoável com os meios. Para B. Mettler von Meibom, o objetivo da ecologia da comunicação consiste em “tematizar e analisar as correções que acontecem além das subdivisões das disciplinas científicas e dos setores sociais” (p. 149-150).

A aplicação da ecologia da comunicação na religião torna-se igualmente coerente, pois satisfaz a urgência em entender quais são as relações criadas em torno da construção e transmissão da mensagem religiosa. A televisão torna-se sacralizada tanto quanto a mídia secundária (Bíblia) ou a primária (o líder religioso). A relação com a televisão, no entanto, é turbulenta, pois ao mesmo tempo em que ela é capaz de transmitir assuntos ditos "mundanos", como violência ou sexo, também transmite a mensagem cristã, de salvação. É como se cada canal de televisão fosse separado por muros que os protegem, repelindo todos os outros. Ao mesmo tempo, a televisão se torna a redoma onde a inter-relação das mídias de Pross se concretiza. Há um vaivém entre midiatização e mediação das religiões, ao mesmo tempo a incorporação de elementos que compõem a estética e estes programas religiosos na televisão fazem uma ciranda entre as mídias de Pross resultando na criação de um espetáculo único – performático e persuasivo. Mas a sacralização, como tantos outros elementos, também é conveniente: se a televisão está sintonizada em um canal com programação cristã, ela "automaticamente" torna-se sacra; em outros canais torna-se potencialmente venenosa para a moral cristã.

Este é um outro aspecto, inclusive, analisado pelo viés da ecologia da comunicação. Romano (2004, p. 151) mostra que estas relações se dão sob duas perspectivas: uma macroscópica e outra microscópica. “A macroscópica estuda como incide a técnica na comunicação como um todo” (p. 151). Portanto, a análise anterior a respeito do vaivém dos processos de mídia fica fundamentada a partir da perspectiva macroscópica. O livro veio a complementar a voz, e ambos foram complementados pela televisão, mas todos os três existem um dentro do outro e um concomitante ao outro. Cada um deles supre necessidades de lugar e tempo. Já se discutiu aqui, por exemplo, como a missa transmitida pela televisão supre necessidades específicas, como alguém com problemas de locomoção que não pode sair de casa ou alguém que

não conseguiria chegar a tempo na sua igreja de preferência e, assim, assiste à missa em casa. A perspectiva macroscópica “resolve” estes problemas com uma análise própria. Já a perspectiva microscópica, de acordo com Romano, “analisa os efeitos da técnica nos elementos de um processo específico de comunicação” (p. 151), ou seja, qual é a relação entre elementos constituintes da comunicação: tempo, espaço, atores, meio, mensagem, técnica e funcionalidade. Sobre isto, inclusive, o Concílio Vaticano II entendeu que:

7. Finalmente, a narração, descrição e representação do mal moral podem, sem dúvida, com o auxílio dos meios de comunicação social, servir para conhecer e descobrir melhor o homem e para fazer que melhor resplandeçam e se exaltem a verdade e o bem, obtendo, além disso, oportunos efeitos dramáticos; todavia, para que não produzam maior dano que utilidade às almas, não de acomodar-se plenamente às leis morais, sobretudo se se trata de coisas que merecem o máximo respeito ou que incitam mais facilmente o homem, marcado pela culpa original, a desejos depravados (INTER MIRIFICA, item 7).

A Igreja Católica preocupou-se com a intervenção tecnológica. A perspectiva microscópica também gira em torno da relação entre tecnologia e processos físicos, psíquicos, sociais e espirituais do ser humano. A Igreja Católica, portanto, está atenta ao fato de que mídias implicam alterações no corpo. A missa pela televisão, enquanto uma mídia, tem influências nos âmbitos físicos e psíquicos dos fiéis, pois, “do ponto de vista técnico, a comunicação ecológica não transmite apenas sinais e informações, mas também estabelece necessariamente relações e cria comunidades com meios próprios (ROMANO, 2004, p. 152-153).

O modernismo sobrepôs-se ao conservadorismo da Igreja e, a partir do Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, as diretrizes para a modernização e adaptação à vida moderna começam a ser instauradas. A bula *Humanae salutis*, do Papa João XXIII, explica brevemente quais são as motivações para que a Igreja passe a se integrar mais aos costumes dos cristãos atuais, algo que resulta na utilização dos meios de comunicação de massa para “pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno”. Em outras palavras, a Igreja Católica necessita mais uma vez entrar em consonância com a sociedade que tem se tornado cada vez mais complexa, sobretudo em função da ciência e do capitalismo. Aliás, a

ciência está entre os entraves pelos quais a Igreja passa; o ateísmo militante também tornou-se um problema. A bula papal não menciona expressamente o crescente do protestantismo, mas podemos imaginar que, se as igrejas evangélicas estão tomando cada vez mais espaço na mídia e a debandada do catolicismo para o protestantismo tem mostrado números preocupantes à primeira instituição, torna-se no mínimo compreensível que tais atitudes fossem tomadas. De acordo com o documento:

7. O próximo concílio reúne-se, felizmente, no momento em que a Igreja percebe, de modo mais vivo, o desejo de fortificar a sua fé e de espelhar-se na própria e maravilhosa unidade; como, também, percebe melhor o dever urgente de dar maior eficiência à sua robusta vitalidade, e de promover a santificação de seus membros, a difusão da verdade revelada, a consolidação de suas estruturas. Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se orna de um novo esplendor, irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo (HUMANAE SALUTIS, item 7).

Ainda que identifiquemos os eufemismos contidos na bula por sermos estudiosos de comunicação e da religião como um todo – uma disciplina chamada Religião Comparada – podemos entender que as motivações não são apenas de congregar ou manter firme a Revelação: trata-se de mercado, também. A Igreja necessita de fiéis que também sejam doadores de dinheiro para a manutenção de tudo que ela sustenta: canais de televisão, rádios, obras sociais, imóveis, entre muitas outras aquisições. O resultado disto é que a Igreja continua engendrada na sociedade a partir da sua influência. Inevitavelmente, o capitalismo acaba se tornando uma das vias para isso.

O decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, expressa as bases para a utilização da mídia terciária (neste trabalho, especificamente, a televisão) a fim de “recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus” (INTER MIRIFICA, item 2). O documento mostra qual é a postura da Igreja em relação aos meios de comunicação em massa e o faz de uma maneira no mínimo curiosa: se antes ela fora marcada pela relutância em utilizar tais meios, a partir da *Inter Mirifica* há uma reordenação de valores na direção da utilização da televisão. O documento não

fala somente da importância dos meios de comunicação, mas também trata da moral cristã nesta relação entre fé e mídia.

4. Para o reto uso destes meios, é absolutamente necessário que todos os que servem deles conheçam e ponham fielmente em prática, neste campo, as normas da ordem moral. Considerem, pois, as matérias que se difundem através destes meios, segundo a natureza peculiar de cada um; tenham, ao mesmo tempo, em conta todas as circunstâncias ou condições, isto é, o fim, as pessoas, o lugar, o tempo e outros fatores mediante os quais a comunicação se realiza e que podem mudar ou alterar inteiramente a sua bondade moral; entre estas circunstâncias, conta-se o carácter específico com que atua cada meio, nomeadamente a sua própria força, que pode ser tão grande que os homens, sobretudo se não estão prevenidos, dificilmente serão capazes de a descobrir, dominar e, se se der o caso, a pôr de lado (INTER MIRIFICA, Item 4).

Compreende-se, portanto, que a Igreja delimita o uso da televisão calcada no *zeitgeist*¹¹ específico, quer dizer, ela pretende respeitar e acompanhar a evolução da sociedade em termos tecnológicos, mas não ideológicos, e isto é claro especificamente quando ela diz que “a comunicação se realiza e que podem mudar ou alterar inteiramente a sua bondade moral” (INTER MIRIFICA, parágrafo 4). Os itens que se seguem no documento também trabalham esta mesma determinação, como a *Formação de uma consciência reta sobre a informação*, *Sobre a relação entre arte e moral*, e a *Justiça e caridade na formação da opinião pública*. Este último item particularmente cria as diretrizes para que os ensinamentos cristãos não se desvirtuem em função da mídia utilizada, quer dizer, o fato de se utilizar a televisão como propagadora da mensagem religiosa não implica em deturpá-la a fim de satisfazer os ânimos modernos:

8. Visto que a opinião pública exerce hoje uma poderosa influência em todas as ordens da vida social, pública e privada, é necessário que todos os membros da sociedade cumpram os seus deveres de justiça e de caridade também nesta matéria e, portanto, que com o auxílio destes meios, se procure formar e divulgar uma reta opinião pública (INTER MIRIFICA, item 8).

¹¹ *Espírito do tempo. Como é o comportamento atual de uma sociedade como ela reage aos diversos entaves que nela repercutem.*

Ainda sobre o mesmo tema, desta vez dando enfoque à caridade e ao louvor:

Apressem-se, pois, os sagrados pastores a cumprir neste campo a sua missão, intimamente ligada ao seu dever ordinário de pregar. Por seu lado, os leigos que fazem uso dos ditos meios, procurem dar testemunho de Cristo, realizando, em primeiro lugar, as suas próprias tarefas com perícia e espírito apostólico, e oferecendo, além disso, no que esteja ao seu alcance, mediante as possibilidades da técnica, da economia, da cultura e da arte, o seu apoio direto à ação pastoral da Igreja (INTER MIRIFICA, Item 13).

Puntel (2008) alerta que a transição entre a repulsa aos meios de comunicação que surgiam com a aceitação, seguida da crítica e da regulamentação, é marcada por um “deslumbramento ingênuo”: primeiro os meios de comunicação de massa foram sendo tateados e utilizados sem muito critério e, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), a maneira e a forma de utilizar foram estabelecidas. Abandona-se o “deslumbramento” e inicia-se a produção técnica. A transmissão de missas na televisão ganha corpo na perspectiva de não apenas criar um simulacro do que ocorre numa missa na igreja – pois há elementos que são modificados, como veremos adiante – mas também de ser mais um canal de evangelização e persuasão. A mídia torna-se um canal no momento em que é vista como uma via de *cura*, de *exortação* e *comunhão* com Deus, Jesus Cristo e a Igreja.

A televisão, como um meio de comunicação de massa, atende desejos prioritariamente capitalistas e voltados ao espetáculo. O apelo visual aliado à técnica (edição e montagem, composição de áudio, composição de iluminação, etc.) fazem com que a TV consiga ser a mais atraente de todas – pelo menos até o surgimento da internet – e também é a que exige mais investimento em produção e comercialização de espaços. Como explica Romano (2004), sob a ótica da ecologia da comunicação, “os interesses econômicos também produzem mudanças” (p. 16). E segue:

As infraestruturas custam muito dinheiro. Daí que para torná-las rentáveis utilize-se o princípio de economia de sinais (Pross). Neste sentido desempenham um papel decisivo na superação de espaço, como fator que consome tempo, e o emprego racional de tempo no processo de trabalho. Ambas exigem inovação constante, ainda que na atualidade são as

tecnologias relacionadas com a informação e comunicação que exercem papel importante (p. 16).

Pelo fato de estar incutida na sociedade há tantos anos e ser disseminada com extrema facilidade no Brasil (é impressionante que os níveis econômicos e sociais não impeçam de existir um aparelho de TV em praticamente cada domicílio de cada rincão do País), fica evidente que a Igreja se beneficia de um terreno tão vasto para transmitir sua mensagem e, em níveis mais profundos de análise, moldar seu rebanho.

A Igreja passa a fazer parte da indústria cultural no momento em que suas produções passam a ter o caráter espetacular, quando se faz a emulação de um ritual desempenhado originalmente com local e “roteiro” definidos a fim de criar novas possibilidades – não apenas teológicas, mas também mercantis. A produção televisiva de uma missa é possível pelo investimento de diferentes origens, como a própria Igreja em si, que utiliza suas reservas, as doações de fiéis e a venda de espaços publicitários. Há outras fontes de investimento mancomunadas, e que podem estar calcadas em interesses particulares ou comungadas com a Igreja, entretanto, o objetivo continua sendo o mesmo:

Se classicamente a comunicação goza da definição de “processo social básico”, isto é, de diálogo recíproco em torno de necessidades reais, do qual a informação é elemento constitutivo preponderante, as implicações da ética econômica capitalista introduzem na comunicação uma profunda mudança conceitual. O processo comunicacional é reduzido a uma relação mercadológica, que lhe confere adjetivos de superficialidade e lhe subtrai o brilho da conceituação original (...) (CRUZ FILHO, p. 33, 2012).

Uma missa na televisão pode ser feita de duas maneiras distintas: a partir do *santuário-estúdio*, como faz a Rede Vida, ou em comunidades localizadas (CRUZ FILHO, p. 32, 2012). Mas em que exatamente se difere a missa na igreja da missa na televisão? Façamos, então, um comparativo. Devemos começar com a estrutura original, que é a missa presencial, na igreja, e todas as suas etapas.

Ritos Iniciais

Comentário introdutório à missa do dia: corresponde aos momentos iniciais de uma missa. Quando o padre toca a sineta, os fiéis devem interromper suas orações particulares e unirem-se à Oração Oficial e Comum. O comentário é um tema de escolha do padre e pautará toda a liturgia, as leituras e os Ritos Finais.

Canto de Abertura: O Canto de Abertura marca o início da celebração litúrgica. O sacerdote e seus ministros, durante o canto, dirigem-se ao centro do altar onde mais tarde será oferecido o Santo Sacrifício.

Acolhida: É um momento o qual a simbologia do Sinal da Cruz (*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*) marca a união da comunidade que, em coro, responde *Amém*. Existe uma variante, no entanto, que é a *Saudação* logo após a acolhida. Em alguns livros ela é descrita separadamente e em outros Acolhida e Saudação fazem parte do mesmo momento. A Saudação é o momento em que o sacerdote abre os braços e profere uma das frases pré-estabelecidas para o ritual.

Antífona de Entrada: segundo o dicionário Priberam, “antífona” é o versículo que precede o salmo. Dentro da liturgia, é a mensagem que apresenta a missa do dia dentro das palavras absolutas da Bíblia. O sacerdote lê o trecho que faz referência ao tema do dia.

Ato Penitencial: de acordo com as escrituras bíblicas, nascemos com o pecado original – pois Adão e Eva comeram da árvore do Conhecimento e foram expulsos do Paraíso. O Ato Penitencial é o reconhecimento desta condição, então a audiência é chamada a fazer um exame de consciência e reconhecer seus pecados. Dependendo da intenção de missa e do dia da semana, o sacerdote utiliza uma fala pré-estabelecida (ou uma fala espontânea) para que todos na igreja façam a penitência. O reconhecimento dos pecados pode ser feito de várias formas dentro da liturgia: e forma de fala, canto ou diálogo.

Hino de Louvor: A regra geral delimita que o “Glória”, o hino à Santíssima Trindade, seja cantado (ou recitado) apenas nas missas de domingo ou festas dos santos. Sua intenção é agradecer pelo perdão de Deus e, por isso, é cantado após o Ato Penitencial.

Oração Coleta: esta é a última etapa dos Ritos Iniciais. Chama-se “Coleta” pois agrega em uma única oração todas as orações da audiência e da comunidade. Quando sacerdote diz “oremos”, a audiência põe-se em silêncio para fazer suas preces.

Rito da Palavra

Comentário à Primeira Leitura: nesta etapa, o sacerdote faz um comentário sobre o que será extraído da Bíblia e que é lido no altar por uma pessoa escolhida previamente. O Comentário assemelha-se ao Comentário Introdutório pois também tem a ver com o tema abordado durante toda a missa.

Primeira Leitura: a Primeira Leitura é um excerto do Velho Testamento que tem conexão com o tema da missa. A leitura é feita pausadamente por alguém que já tem trânsito na comunidade e tem a intenção de mostrar que logo no Velho Testamento já havia a previsão da chegada de Jesus Cristo – claro, dentro da hermenêutica e na presunção de que são relatos de fatos concretos.

Salmo Responsorial: também chamado de Canto de Meditação, ele tem a função de asseverar o excerto que é lido, porém em caráter de espetáculo, quer dizer, os salmos escolhidos são cantados exaltando o tema da missa, e não somente recitados.

Comentário à Segunda Leitura: assim como na Primeira Leitura, é o momento de preparação para a explanação do que será lido a seguir.

Segunda Leitura: a Segunda Leitura dá continuidade à abordagem do tema proposto pela missa, porém desta vez lê-se um excerto do Novo Testamento. Preferencialmente, os trechos escolhidos são das cartas de Paulo – talvez por ser o fundador da Igreja – mas também pode-se escolher cartas de outros Apóstolos – Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas.

Comentário ao Evangelho: a função desta etapa é comentar um ensinamento de Cristo, como um prenúncio à etapa posterior.

Canto de Aclamação ao Evangelho: este ritual tem a intenção de aclamar as palavras bíblicas que foram proferidas nos Primeiro e Segundo comentários. A alusão está na passagem da Bíblia quando Jesus adentrou Jerusalém no Domingo de Ramos.

O Sinal da Cruz: após o Canto de Aclamação e quando o sacerdote recebe a Bíblia, ele se inclina perante o altar e faz uma oração em voz baixa. Após isto, ele se vira para a audiência e profere um diálogo para, então, fazer o sinal da cruz – sobre a Bíblia, a testa e a boca.

Proclamação do Evangelho: a leitura do Evangelho é feita a partir dos livros de Mateus, Marcos, Lucas ou João apenas. Não se pode substituir este texto por qualquer outro, mesmo que esteja na Bíblia. Esta etapa se inicia quando o sacerdote incensa a Bíblia e finaliza com outra oração em silêncio – ao que a audiência senta-se para ouvir o Sermão, a próxima etapa.

Sermão (Homilia): assim como Jesus Cristo subiu ao Monte das Oliveiras para proferir o sermão da montanha, a homilia é uma encenação deste episódio bíblico, com o altar e os fiéis em um nível mais baixo dentro do edifício. Nesta etapa, o sacerdote apresenta os ensinamentos bíblicos e sempre busca fazer paralelos com os dias atuais – uma forma de dizer que a palavra nunca morre.

Profissão de Fé: a Profissão de Fé é o momento em que a fé católica é afirmada por meio de cântico ou recital de dois Credos: o Símbolo dos Apóstolos, ou o Símbolo Niceno-Constantinopolitano. O primeiro, por ser mais curto e mais antigo, é o que a audiência geralmente conhece de cor. O sacerdote pode escolher pelo segundo, mas isto exige que esteja escrito no programa da missa para que todos possam acompanhar.

Oração da Comunidade: nesta etapa, todos os pedidos e interesses da comunidade ganham atenção por meio de anúncios do próprio sacerdote, em que a audiência acompanha com a expressão “Rezemos ao Senhor”.

Rito Sacramental

Esta etapa é dividida em três partes.

Primeira Parte

Oferendas: A *Preparação do Altar* é o início de tudo. “Em primeiro lugar prepara-se o altar ou a mesa do Senhor, que é o centro de toda liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência¹²” (IGMR 49). Na *Procissão das Oferendas*, a procissão atravessa o corredor da igreja com a representação das oferendas vindas da comunidade (o pão e o vinho) e entregam-nas ao sacerdote. Após isto, há a *Apresentação das Oferendas*, em que o sacerdote mostra à comunidade todas as oferendas que lhe foram entregues. Há também a *Coleta do Ofertório*, em que a comunidade pode fazer doações ao pobres ou para a manutenção da paróquia. O *Lavabo* é o momento em que o sacerdote lava as mãos após receber a oferenda em sinal de purificação própria para iniciar a Eucaristia. Então chega o momento do *Orai, Irmãos*, em que o sacerdote convida a audiência para uma oração. E, finalmente, a *Oração sobre as Oferendas*, que é o momento de coleta dos motivos para a ação de graças que ocorre no momento.

Segunda Parte

Oração Eucarística: é o ponto mais alto da missa, pois é o momento de consagração e união com a Santíssima Trindade. No *Prefácio*, a audiência é introduzida à ação de graças. Em seguida vem a etapa do *Santo*, em que Jesus Cristo é aclamado com cânticos. A *Invocação do Espírito Santo* é o reconhecimento das ações de Jesus Cristo na Terra. A *Consagração* é o momento em que o sacerdote ergue a hóstia e apresenta o mistério do amor de Jesus Cristo. Este momento deve ser acompanhado em silêncio. As *Preces e Intercessões* são o reconhecimento da ação de Cristo e o pedido ao papa e seus auxiliares para que levem o Espírito Santo a todos. A *Doxologia Final*¹³ é o

¹² Mesinha de apoio ao lado do altar, utilizada para colocar os paramentos que serão utilizados. Fonte: <https://doutrinacatolica.wordpress.com/2012/03/22/paramentos-liturgicos-entendendo-um-pouco-mais-ii/>

¹³ Doxologia é a união das palavras *doxa* (glória) e *logos* (sabedoria, estudo), ou seja, é a palavra de glória a Deus proferida ao final de uma missa. Em uma missa há diversas doxologias que são proferidas em diferentes momentos.

Fonte: <http://vocacionadosdedeusmaria.blogspot.com.br/2010/05/doxologia.html>

fechamento da Eucaristia, em que o sacerdote louva o Corpo e Sangue de Cristo, ao que a audiência responde dizendo “amém”.

Terceira Parte

Rito da Comunhão: inicia-se com o *Pai Nosso*, que é a oração principal do catolicismo e representa a reconciliação entre os fiéis e a Santíssima Trindade. Logo após há a segunda oração, que é a *Oração pela Paz*, cuja função é estender esta reconciliação a todos, estejam eles presentes ou não. A Oração da Paz é alinhavada com o *Cumprimento pela Paz*, momento no qual todos se cumprimentam em voz baixa. A seguir, o *Cordeiro de Deus*, que é o momento prévio à comunhão propriamente dita. O sacerdote mergulha o pedaço de pão no vinho e a audiência entoia palavras que representam sua pequenez perante Jesus Cristo. *A Comunhão* é quando a audiência dirige-se ao sacerdote em fila para receber a hóstia. Os que não podem comungar desta forma podem fazê-lo pelo que se chama de *intenção* ou *Comunhão Espiritual*. Finalmente, há a *Oração após a Comunhão*, que é o fechamento da liturgia eucarística.

Ritos Finais

Saudação: representa o compromisso assumido em missa e que deve perdurar até a próxima liturgia. Tem como característica principal reconhecer os dons de Deus e assumir que os fiéis são guiados pela palavra dele.

Avisos: o sacerdote fala diretamente à audiência para dar avisos oportunos e orientações.

Benção Final: é o momento que representa o envio dos fiéis pelo sacerdote para que os ensinamentos cristãos sejam compartilhados com outros.

Despedida: “Ita, missa est”. É o termo em latim utilizado para que o sacerdote abençoe a audiência, assim como Jesus Cristo e Deus também os abençoam. Todo o significado da missa se completa nesta última etapa.

COMPARATIVO: MISSA PRESENCIAL X MISSA NA TELEVISÃO

Em termos de comparação, assistimos à missa de televisão ministrada pelo Padre Reginaldo Manzotti¹⁴. Este padre possui uma rede de comunicação católica, chamada *Associação Evangelizar É Preciso*, que atua por canal de televisão (TV Evangelizar), canal de rádio (Rádio Evangelizar), e todas as informações sobre suas atuações são concentradas no portal *padrereginaldomanzotti.org.br*, como lista de canais por onde suas missas são transmitidas, contatos de Facebook, Twitter e Whatsapp, loja virtual, além de outros serviços peculiares destes portais na internet, como pedido de oração e vela virtual. A escolha se deu pelo fato de os passos da missa presencial analisados acima também se referirem ao rito presencial, que compreende a totalidade das etapas de uma missa prevista pela Igreja – há outras missas em dias em que uma etapa ou outra podem ser suprimidas. A missa em questão, de acordo com o Comentário Introdutório, dá-se no terceiro domingo do mês de Agosto de 2015, dia 16, quando é comemorada a Assunção de Nossa Senhora:

“Irmãos e irmãs, celebramos hoje a festa da assunção de Nossa Senhora, dando graças ao pai, que exalta Maria e nela nos oferece o sinal da vitória definitiva, de todos os que acreditam em suas promessas. Neste terceiro domingo do mês vocacional, lembramos os religiosos, mulheres e homens, que assumem ser testemunhas da vida nova na realidade deste mundo. Por isso, com alegria, continuemos esta celebração cantando.

A partir da ecologia da comunicação proposta por Vicente Romano, analisaremos cada detalhe concernente à transmissão de uma missa. Ao vermos sob a perspectiva microscópica, compreendemos como a *Evangelizar É Preciso* compõe todos os itens que fazem parte da celebração. O que se pode notar na missa de televisão é sua produção. Ela é tratada e encarada como um “programa de televisão”, não apenas por compor uma grade de programação mas também por possuir elementos clássicos de tais programas, como abertura e trilha sonora, *takes* muito bem produzidos, planos de enquadramento bem definidos e grafismos. Por ser filmada no santuário Nossa Senhora de Guadalupe, em Curitiba, Paraná, a missa, além de filmada, é acompanhada por um grande público participante. O padre, no entanto, fala

¹⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=h7j-mqoLxIY>>. Acesso em 4 Out. 2016

sempre para a câmera e poucas vezes fita a audiência que está no santuário. Ela, porém, responde a todos os estímulos gerados pelo padre quando lhes é solicitado: as respostas, as orações, a eucaristia. Há também, utilizando o recurso de edição PiP (*picture in picture*), um comunicador de Libras, a linguagem de sinais do Brasil, fazendo a tradução simultânea para deficientes auditivos.

No que tange aos aspectos de produção da missa, identificamos que o cenário (o santuário) não foi alterado; houve tão somente o preparo do altar para a celebração, bem como a limpeza de todo o ambiente e a preparação dos elementos que constituem os ritos. Outro detalhe que nos chama a atenção é o posicionamento de cinco câmeras – incluindo uma grua –, que mostram a audiência no local e itens do santuário, como o altar e sua iconografia, e três delas são utilizadas pelo padre para falar ao telespectador. A captação de áudio também é profissional: tanto o padre quanto outros participantes utilizam microfones cujo som é distribuído para o local onde a missa é realizada bem como a mesa de som que retransmite para a televisão. Isto significa que existe uma equipe de corte, direção de televisão, fotografia, entre vários outros profissionais que fazem parte da produção de um programa de televisão comum.

Plasticamente, a produção consegue deixar a missa bastante inclusiva. A transição de câmeras faz com que o padre possa falar tanto com a audiência dentro do santuário quanto o público de casa pela televisão. O jogo de olhares de padre permite que todos que estão atentos a ele, independentemente da distância ou da mídia, participem da comunicação da mensagem que ele escolheu para o dia. Não se pode afirmar com clareza se há ensaios antes da transmissão desta missa em particular, mas é notório que o padre passou por treinamentos para assimilar tantos detalhes a respeito de uma produção televisiva deste porte.

No minuto 48 da missa, inicia-se a eucaristia. Enquanto o padre faz a distribuição das hóstias, há um aviso bastante claro: “recebamos o pão vivo, alimento e força para a caminhada, a sagrada comunhão. Você, que nos acompanha pelos meios de comunicação, faça a Comunhão Espiritual com o Deus da vida. Cantemos”. E o padre, nos Avisos dos Ritos finais, fala diretamente aos que estão acompanhando pela televisão:

Você, que acompanha aos domingos às 8 horas, sabia que você pode acompanhar as missas todo dia ao meio dia? Basta sintonizar a TV Evangelizar. E que cresce na medida que você ajuda e que nós somos

ousados. Santa Tereza me colocou uma frase no coração: seja ousado, porque Deus ajuda quem coragem tem. Portanto, não é só missa dominical! Nós produzimos vinte e quatro horas de programação católica para o rádio; vinte e quatro horas de programação católica para a TV. E nós queremos mostrar isso para o Brasil.

O encerramento da missa pela televisão não dá os créditos totais, mostrando quais são os profissionais responsáveis por qual papel desempenhado, porém, em determinadas cenas, é possível notar a presença não apenas das câmeras, mas vários outros profissionais, como operadores de cabo e os músicos que fazem parte do ritual. Para saber quem são os profissionais envolvidos, é necessário fazer uma pesquisa mais ampla pois eles não são citados nem mesmo no site do próprio padre, que detém os direitos de produção e transmissão.

A perspectiva macroscópica da ecologia da comunicação sobre a missa na televisão nos mostra como é possível que diferentes formas de trabalhar a mensagem cristã podem estar reunidas em uma única mídia, ou seja, transformar a própria missa em uma mídia enquanto um processo comunicacional. Quando Romano (2004) nos fala sobre a vinculação espaço-temporal, tem-se a dimensão exata do que ele se refere na teoria no momento em que vemos como a missa é encarada. Por um lado, a perspectiva de quem faz. A missa na televisão se torna o vaso em que se depositam todos os recursos que sejam possíveis para que se alcance com o máximo de fidelidade o elemento de pertença. Já compreendemos que tanto a missa presencial quanto a missa na televisão possuem o mesmo valor teológico pois a missa a distância está regulamentada pela Igreja Católica, então, não há motivos para duvidar se uma se sobressai a outra em termos teológicos. A missa na televisão, como já foi dito anteriormente, “resolve” tanto o problema do espaço quanto do tempo. Mas ela também cria influências sobre o corpo e a mente. Isto por que a missa presencial exige exercícios físicos que a missa na televisão não necessariamente exige. Para se ir a uma igreja é necessário deslocar-se, seja à pé ou de carro, entrar na igreja, atender aos pedidos do padre quando ele ordena que se levante ou se sente durante a celebração, entre outras ações. É possível que se faça os mesmos exercícios físicos que se fazem dentro da igreja como uma forma de emular a própria presença. Por exemplo, durante a transmissão da missa pela televisão, o padre pode pedir que a audiência que está no estúdio fique em pé ou sentada em determinados momentos, e o

telespectador pode fazer o mesmo dentro de casa. Ficar sentado de uma forma passiva não é uma opção dentro da ecologia da comunicação. Conforme nos explica Romano (2004),

A função qualitativamente nova da consciência humana é ser órgão de transformação ativa e criadora do mundo, instrumento da direção e regulação da vida social e individual. A consciência não é, pois, nenhum reflexo passivo da realidade objetiva, mas atividade criadora e transformadora. A consciência humana é um processo ativo da conquista intelectual do mundo pelo ser humano (p. 58).

A influência psíquica da missa enquanto mídia também é relevante e digna de análise. A questão da *pertença* é, dentro do estudo proposto pela ecologia da comunicação, um elemento decisivo na medida em que a fé tem bases nela. A *pertença* diz respeito à relação próxima seja com Deus ou com Jesus no momento em que se celebra uma missa. Presenciar a Eucaristia, prostrar-se diante de imagens, são formas simbólicas de fazer-se pertencer. O papa Francisco em um dos documentos publicados ao final do ano de 2016 reflete sobre a “tríplice *pertença*” quando menciona:

Pertença significa também entrar em relação com os outros, ser homens de relação com Cristo, com os irmãos e com as pessoas em geral. Esta deve ser a primeira meta na formação dos candidatos ao sacerdócio. (...) Não ter medo de sujar as mãos. O lugar onde cresce a relação com Cristo é a oração e o fruto mais maduro da oração é sempre a caridade. Pertencer a Cristo significa ir ao encontro dos excluídos e marginalizados, experimentar a beleza da fraternidade, ser canais do seu amor, com humildade e inteligência¹⁵.

O que se compreende é que a própria *pertença*, ou seja, a disposição de estar disposto para a Igreja e pronto para professar a fé tem muito a ver com o caráter que a própria instituição, assim como a própria religião em si, busca cultivar. A dinâmica da *pertença* na televisão, então, sofre uma transformação para que continue a fazer sentido dentro do sistema de fé. Ela, a fé, acabar por constituir não apenas o bem

¹⁵ Fonte:

http://br.radiovaticana.va/news/2016/12/10/aos_seminaristas_pertença_ao_senhor,_à_igreja_e_ao_reino/1278097

comum que a Igreja tem para comandar seus fiéis mas também é a regulamentadora de várias características que compõem uma sociedade. Romano diz que

A comunicação é o processo e o resultado da relação, mediada pelo intercâmbio de informações e sentimentos, entre indivíduos (humanos), seus grupos e organizações sociais, instituições, etc. Por um lado, trata-se do processo de compreensão entre indivíduos e grupos sociais, processo que se desenvolve com o objetivo de facilitar a atividade social e transformadora do ser humano. Através desta atividade contribui-se para a criação, estabilização e modificação das relações e condições sociais (p. 59)

Sendo assim, a comunicação da fé e a ecologia a qual ela pertence auxiliam para que haja cooperação, união dentro da Igreja e que os fiéis possam introjetar o senso de unidade que eles tanto buscam – ainda é passível de discussão se este senso de unidade existe em função da criação das religiões, como instituições hierárquicas ontologicamente estabelecidas, ou se o senso de coletividade é anterior às crenças, como em épocas tribais entre homínidos. Em todo caso, a influência da fé para a ecologia da comunicação faz com que ela seja mais um elemento constituinte da práxis da Igreja.

Toda a construção social em torno da crença arrebanha os atores que explicamos durante esta dissertação. Seja pela ótica mercantilista ou pela fidelidade ao sacerdócio, é-nos possível compreender como a missa enquanto mídia propriamente dita é capaz de movimentar uma série de elementos que são todos eles influenciáveis socialmente. O aparelho de televisão, a transmissora, a retransmissora, o comércio de artigos sacros, a reprodução da missa, tudo isso cria um cenário em que o fiel esteja definitivamente inserido em uma sociedade da comunicação, não apenas em uma posição de letargia em frente a uma tela colorida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Harry Pross e Vicente Romano constituem a pedra basal deste estudo. Enquanto Pross delimita as mídias e como elas são utilizadas, Romano faz-nos extrapolar estes limites, diluindo-as em uma infinidade de possibilidades. O que se pode observar, levando em consideração como as missas televisivas são produzidas e distribuídas atualmente, é que a utilização das mídias terciárias tornou-se um complemento às mídias secundária e primária. E o próprio *zeitgeist* mostra que estamos caminhando mais para adaptações do que exclusões. Mais do que isso, a própria missa na televisão como uma mídia terciária implicou em diversas alterações comportamentais para os fiéis e sociais.

Existe um padrão dentro desta evolução das mídias: quando a primeira chegou a seus limites, quando estava à beira de extrapolar seus recursos, novas maneiras de se comunicar foram criadas para compensar estas limitações. Houve um determinado momento em que falar tornou-se insuficiente; precisou-se registrar em algum tipo de superfície – parede, papel, etc. Depois se precisou ampliar o alcance da informação que estava registrada em uma mídia secundária. Livros podem viajar pelo mundo, cartazes podem ser colados em paredes e muros podem ser pintados, mas ainda era necessário mais. Com os meios de comunicação eletrônicos anteriores à internet, já foi possível ampliar o alcance da comunicação. Televisores, antenas, satélites, demos um salto enorme neste sentido.

Talvez por isso mesmo Pross tenha nomeado estas mídias como *primária*, *secundária* e *terciária*. Não se baseando em um grau de complexidade, mas também por uma questão evolutiva dos próprios processos comunicacionais, compreendendo que uma nova mídia abrisse um novo universo que englobasse o anterior e a fizesse ampliar suas capacidades sem abafá-la. O livro vai além da fala, a TV fala com milhões de pessoas ao mesmo tempo, mas todos ainda precisam da voz, do papel e do eletrodo baseando-se na conveniência de cada um destes recursos.

Este estudo se propôs a mostrar como as mídias foram incorporadas e adaptadas às religiões. Pudemos ter uma análise bastante detalhada de como a Igreja Católica, especificamente, fez-se valer dos recursos que estavam ao seu alcance, por vezes até mesmo ressinificando-os de forma a criar novas instâncias dentro dos mesmos processos comunicativos. Um livro é um livro, mas quando contém uma

mensagem considerada sacra, deixa de ser um livro e torna-se um instrumento de fé, uma ferramenta de evangelização. Então podemos nos perguntar: qual é o melhor livro? Qual é o mais correto? Qual é o livro que transmite melhor seus dogmas religiosos? Todos. Esta é a melhor resposta, pois todos cumprem o seu papel de registrar suas palavras sagradas. E se pensarmos na televisão, qual programa religioso é o melhor? Novamente, todos. Eles se propõem a transmitir o cumprimento dos rituais que são estabelecidos pelos seus líderes e assim o fazem. Não podemos discordar de Vicente Romano sobre o fato de que a velocidade das telecomunicações gera a interação em nível mundial. Isto significa que a missa enquanto mídia é, também, um evento mundial pois seu alcance, calcado nas tecnologias de transmissão, extrapola fronteiras. E é igualmente interessante observar a capacidade que a Igreja, ou os fiéis, por iniciativa própria, têm de se adaptar. Houve um tempo em que orações eram enviadas via fax para quem as requisitassem.

Quando analisamos a missa presencial e a comparamos com a missa ao vivo, pudemos entender que a televisão cumpre o papel de complementar a missa presencial, e não substituí-la. Parece estar bastante evidente que a Igreja Católica incorporou os meios de comunicação de forma decisiva e transformadora para a instituição. Aquela repulsa que primeiro tomou conta da Igreja parece já não fazer sentido e parecer algo até mesmo difícil de acreditar quando vemos que as religiões sempre tiveram um viés de aproveitar oportunidades mas, com uma chance tão grande em mãos, relutou. Dentro desta pesquisa, pudemos identificar 24 pontos os quais a missa televisiva torna-se uma influenciadora, criando relações sociais de toda sorte com os fiéis:

1. A técnica;
2. O tempo;
3. O espaço;
4. Os atores;
5. O meio;
6. A mensagem;
7. O corpo;
8. A fé;
9. A homilética;
10. A tele-homilética;

11. A transmediatização;
12. A sacralização do aparelho televisivo;
13. A aceitação do incomum
14. O poder transformador
15. A educação religiosa;
16. A tolerância e intolerância;
17. A moral;
18. A relação entre o religioso e o não-religioso;
19. O capitalismo;
20. A política;
21. A história;
22. A arte;
23. O legado;
24. A substituição.

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”. A mensagem dada no livro de Marcos tomou proporções mundiais, a ponto do cristianismo se tornar a religião de 2.2 bilhões¹⁶ de pessoas. Então, podemos concluir que, em se tratando de obedecer esta “ordem”, a Igreja cumpriu seu papel? Parece-nos acertado dizer que sim, uma vez que dentro dos limites que a Igreja atua, consegue angariar os fiéis que busca – ainda que exista um trânsito considerável de pessoas entre diferentes denominações religiosas e mesmo de pessoas dentro de dissidências de uma mesma religião. Há católicos se convertendo ao protestantismo e vice-versa, mas dentro do que está estabelecido, a Igreja católica parece ter sabido usar muito bem os meios de comunicação.

Voltando às características da missa televisionada, o que se pôde compreender é que se trata mais de um processo transmediático do que da supressão de mídias em si. Percebemos quantos suportes são utilizados durante o rito: primordialmente, está sendo transmitida pela televisão (terciária); porém o padre fala (primária) e as pessoas respondem e cantam (primária); a voz é projetada por microfones e o sistema de áudio (terciária); durante todo o ritual, o padre utiliza a Bíblia (secundária) para asseverar o que diz. Ao mesmo tempo, há uma sinergia que

¹⁶ Disponível em <<http://qz.com/375495/there-will-be-as-many-muslims-in-the-world-as-christians-by-2050/>>. Acesso em 8 Ago. 2016

envolve tudo isso em uma composição ainda maior, em que a forma de pensar a religião cristã acaba definindo novas formas de professá-la. A Ecologia da Comunicação acabou por abrir uma porta imensa para que a pesquisa em comunicação religiosa seja profícua. Com ela é possível que vários aspectos religiosos possam ser analisados com profundidade levando em conta novos e diferentes aspectos. Pode-se, inclusive, anexar aos estudos comunicacionais diferentes áreas do conhecimento, desde sociologia à neurociência.

Em conversas informais com fiéis e religiosos, pudemos constatar que não há, entre eles, um consenso se a missa presencial é mais importante em termos teológicos que a missa de televisão. Porém, ao analisarmos os documentos que nos foram expostos ao longo desta pesquisa, podemos concluir que sim, a missa presencial e de televisão têm o mesmo valor teológico. O primeiro indício está exatamente nos documentos papais que regulamentam o uso dos meios de comunicação. Não importa se é face a face ou pelo rádio: enquanto uma pessoa estiver exposta à mensagem cristã, estará cumprindo o que se pede em Marcos 16:15.

Pudemos observar que assistir a uma missa dentro de uma igreja e a uma missa pela televisão possui o mesmo valor teológico, uma vez que os rituais transmitidos a distância e o modo de fazer televisão pela Igreja Católica estão consolidados em forma de instruções apresentadas nos documentos que analisamos para a confecção desta dissertação. Fazer a Comunhão Espiritual, ou a Intenção, está, teologicamente, a par da Comunhão presencial porque é válida. Então, com base em nossa análise, podemos afirmar que ver uma missa na igreja e uma missa pela televisão tem o mesmo efeito em termos de fé. Em segundo lugar, a própria passagem bíblica em si. “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” não especifica exatamente de qual maneira deve ser feito, apenas que o seja. E, claramente, a Bíblia não poderia trazer orientações sobre quais meios de comunicação possam ser utilizados já que não havia mais que três maneiras de perenizar uma ideia em um suporte.

Parece-nos seguro dizer, portanto, que a hipótese levantada para esta pesquisa se confirma. A missa na televisão torna-se, dentro dos estudos baseados em Harry Pross e Vicente Romano, uma mídia que influencia a sociedade e os fiéis de diversas formas. Primeiramente com a fé em si, que cria reajustes para que seja professada de novas maneiras. Os meios de comunicação fazem com que as religiões, especialmente a católica, sejam colocadas em um viés de questão pessoal e

comunitária, preenchendo espaços que antes não eram possíveis em termos de presença. Quando era apenas o rádio com algumas programações religiosas esparsas, criavam-se diferentes maneiras de manter a mensagem constante de formas alternativas. A proliferação da mensagem religiosa nos meios de comunicação fez com que houvesse cada vez menos espaços vazios. Em segundo, o modo de fazer e de transmitir transformou não apenas a maneira como a própria Igreja se relaciona com os meios de comunicação mas também como as pessoas se relacionam com a Igreja. A questão do *feedback*, por exemplo, está muito mais presente atualmente do que pelos métodos convencionais e/ou conservadores. É possível, por exemplo, telefonar para um padre em um programa ao vivo e solucionar dúvidas ou receber uma oração. No caso da missa, especificamente, construiu-se um simulacro perfeito em que não apenas os rituais são atendidos sem falhas mas também a resposta dos fiéis é imediata. A maneira de lidar com a fé e os elementos religiosos é diferente, assim como o comportamento do próprio corpo – sentar, levantar, juntar as mãos em oração, colocar-se em frente à televisão com os braços abertos em sinal de recebimento de bênção. Há algumas ressignificações que são produtos do avanço tecnológico e agora tudo parece uma mistura entre mutação, adaptação e perenização – cada uma feita a sua maneira porém complementando uma a outra.

Houve um grande esforço neste trabalho para não entrarmos na seara das provocações e da falta de respeito com relação às crenças religiosas. Apesar da matéria de Religiões Comparadas ser edificante e ter o poder de liquidar com muitas dúvidas sobre a criação de deuses e religiões, não é do nosso interesse desafiar a fé das pessoas ou discutir a própria existência de Deus. Cada um sabe de si. Nossa proposta foi mostrar como a ecologia da comunicação opera dentro da Igreja Católica e quais foram as implicações deste processo.

REFERÊNCIAS

<<http://noticias.gospelmais.com.br/ibge-populacao-evangelica-cresceu-61-38288.html>> - Entre os anos 2000 e 2010, população evangélica cresceu 61%, afirma IBGE. Confira dados. Acesso 8 Mar. 2016.

<<http://www.franciscanos.org.br/?p=20043>> - Um Brasil menos católico. Acesso 8 Mar. 2016.

ALMEIDA Jr., Walter. **Homilética e Oratória**. Disponível em <http://globaltrainingresources.net/uploads/504_Apostila_de_Homilética_-_Walter.pdf>. Acesso em 14 Mar. 2016.

ARMSTRONG, Karen. **A History of God**. Nova Iorque: Ballantine Books, 1993.

_____. **Islam: A Short Story**. Nova Iorque: The Modern Library, 2002.

BAITELLO Jr, N. **O Tempo Lento e o Espaço Nulo**: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO Neto, Antônio et al (Org.). *Interação dos sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPURS, 2001.

_____. **A Era da Iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. Paulus: 2014.

_____. **A Mídia antes da Máquina**. IN: JB Online, Caderno Ideias, 1999.

CHILDE, Vere Gordon. **A Evolução Cultural do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

COHEN, Shayne J. D. **The Beginnings of Jewishness**. University of California Press. California, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. Disponível em <
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm>.
Acesso em 8 Jun. 2015.

CRUZ FILHO, Maurício Nascimento. **A Celebração Eucarística pela TV: aspectos teológicos e comunicacionais.** 2012. 140 páginas. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KAPOGIANNIS, Dimitri *et al.* **Cognitive and neural foundations of religious belief.** Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/106/12/4876.full.pdf>>. Acesso em 14 Mar. 2016.

LLORCA, Bernardino. S. J. **Manual de História Eclesiástica.** Barcelona: Editorial Labor, 1951.

MIKLOS, Jorge. **A Construção de Vínculos Religiosos na Cibercultura: a ciber-religião.** 2010. 145 páginas. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NABETO, Carlos Martins. **A missa passo a passo.** Disponível em <<http://medalha.tripod.com/liturgia/lit13.htm>>. Acesso em 26 jul. 2016.

PUNTEL, Joana T. **Contribuições e desafios das mídias católicas.** 3 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.rccrj.org.br/2008/04/texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas/>>. Acesso em 26 jul. 2016.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación.** Hondarribia, Espanha. Editora Hiru: 2004.

SCHNIEDEWIND, William. M. **How the Bible became a Book.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SILVA, Paulo Celso da; AMARAL, Luiz Guilherme Leite. **A Igreja Segundo o Conceito de Dispositivo de Foucault.** Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da

Comunicação na Região Sudeste – Salto - SP – 17 a 19/06/2016. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0238-1.pdf>>.

SILVA, Plínio Moreira da. **Homilética**: Eloquência da Pregação. Disponível em <<https://issuu.com/a.d.santos/docs/homiletica>>. Acesso em 14 Mar. 2016.

VYGOSTKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acesso em 14 Mar. 2016.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: A literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.